

Memórias



A Padroeira Nossa Senhora do Livramento em suas três versões: a barroca, a brasileirada e a europeizada

ESTÉS AUGUSTO JÚNIO MELO

livrado dois poderosos fazendeiros de um duelo por causa

ACERVO DO AUTOR

que marcaram a história
de Piumhi

Jornal Alto São Francisco
02/07/2023 à 24/12/2023



Sumário

O juiz que fez história na Educação piumhiense: dr. Francisco de Paula Rebelo Horta	4
Médico humanista, prefeito e um verdadeiro cidadão de alma caridosa (I) : dr. João Batista Soares	5
Médico humanista, prefeito e um verdadeiro cidadão de alma caridosa: dr. João Batista Soares (II)	6
Dr. João Batista Soares: médico humanista, prefeito e um verdadeiro cidadão de alma caridosa - Parte III	7
Ainda jovem arrimo de família, político e atuante nas causas sociais e culturais: Itamar Soares dos Santos (Parte I)	8
Ainda jovem arrimo de família, político e atuante nas causas sociais e culturais: Itamar Soares dos Santos (Parte II)	9
Três formatos diferentes no altar das três matrizes: Nossa Senhora do Livramento, a padroeira de Piumhi	10
Homem simples que se fez grande liderança cooperativista em Piumhi: Edson Baltazar Vilela (I)	11
Homem simples que se fez grande liderança cooperativista em Piumhi: Edson Baltazar Vilela (II)	12
Nascida de um milagre: Hebe Bruno (I)	13
Uma vida dedicada às artes: Hebe Bruno (II)	14
Suor e arte no palco da vida: Homero Arantes (I)	15
Por ele, Piumhi tem uma eterna e impagável dívida de gratidão: Homero Arantes (II)	16
Um dos maiores progressistas na Piumhi do início do século 20: José Alves Terra (I)	17
À frente de seu tempo, empreendedor, caridoso: José Alves Terra (II)	18
O fechamento e a reabertura do hospital em julho de 1968: José Alves Terra (III)	19
Um homem que viveu para a caridade: José Ourives: José Gonçalves Sobrinho	20
Um dos vereadores mais atuantes na história da Câmara de Piumhi: José Soares de Oliveira Sobrinho: Zé Severino ou Bandeirante	21
Dos sepultamentos na Matriz aos Cemitério da Saudade: dia de finados	22
Queda do assoalho da Matriz antecipa inauguração em 1907.....	23
Fazendeiro, prefeito, empreendedor de grande intuição administrativa: José Necá da Costa (I)	24
Deixou Piumhi, mas a cidade nunca saiu dele: José Necá da Costa (I)	25
O pastor presbiteriano que se tornou amigo do padre, ajudou abrir um colégio e deixou vasto legado ecumênico em Piumhi: reverendo Márcio Moreira (I)	26
‘É um privilégio enorme ter vivido aquele período aqui’: reverendo Márcio Moreira (II) ...	27
Os 100 anos de um dos mais importantes marcos históricos e culturais de nosso município: o centenário da Lira São José	28
Missa marca a abertura do jubileu dos 270 anos de criação da Paróquia	29

DR. FRANCISCO DE PAULA REBELO HORTA

O Juiz que fez história na Educação piumhiense

"Dr. Horta amou Piumhi não em palavras, mas, com atos: quantas professoras estudaram na Escola Normal sem fazer nenhum pagamento", lembrava D^a Vitolina

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Em 18 de março de 2018, a Escola Estadual "Professor Horta" celebrou a marca de seus 44 anos de existência, motivo pelo qual dediquei algumas linhas no jornal Alto S. Francisco para contar sobre a trajetória de um homem incomum: o patrono, Professor e Dr. Horta.

Francisco de Paula Rebelo Horta nasceu na cidade mineira de Santa Bárbara. Era filho de Antônio Gomes Rebelo e Emilia Augusta Carneiro Horta. Nascido para a arte das letras, o pequeno Francisco estudou os anos iniciais em sua terra natal. Conseguiu, após muita luta, a diplomação no curso de Direito, no ano de 1909. Casou-se na cidade de Ferros, com Matilde Machado Horta, com quem teve 6 filhos.

O domínio e o fascínio pelas ciências jurídicas fizeram dele Juiz de Direito. Como magistrado, atuou com zelo e apurado senso de justiça nas Comarcas de Paracatu, Piumhi, Leopoldina e Ubá. Veio para Piumhi nos fins da década de 1920 e deparou com uma situação inusitada: a cidade tinha apenas um grupo escolar. Ao analisar os processos penais e criminais, não teve dúvida: o volume dos delitos e crimes era consequência da falta de escolas. Após pensar bastante, constatou que abrir escolas não resolveria o problema: era necessário formar professores para suprir a demanda e depois abrir as escolas.

Para realização de seu sonho buscou e conseguiu apoio de alguns colegas como o professor João Menezes, o médico Dezejar Leite e tantos outros. Construiu, à custa de seus recursos, a Escola Normal "Dr. Francisco Campos". Prédio que hoje abriga a escola Estadual "Professor José Vicente". Seu educandário iniciou as atividades em 1928 e formou inúmeras professoras dentre as quais a saudosa Maria Serafi-

na de Freitas, autora do método de alfabetização do "Circo do Carequinha". A escola era particular, mas muitas bolsas eram concedidas pelo Professor Horta, pois afirmava que seu objetivo era ajudar os pobres e humildes desta cidade. Dona Maria Serafina, por ocasião da inauguração da Escola Estadual "Professor Horta", esclareceu que na sua turma *"Éramos 13 e somente 5 pagavam os estudos, pois oito não tinham condições"*.

Salvo pequena subvenção da Câmara Municipal de Piumhi, não havia verbas e muitos professores trabalhavam espontaneamente sem exigir remuneração. Já o Dr. Horta contribuía financeiramente para a manutenção e funcionamento da escola. A instituição de ensino funcionou nessas condições por 15 anos. Não há dúvida de que esse educandário tenha contribuído para a formação da elite intelectual desta cidade, deixando seus reflexos até as décadas de 1960/70.

Retirou-se de Piumhi, transferindo-se para a Comarca de Leopoldina, em fevereiro de 1944, após ter sido promovido por seus bons trabalhos à frente da Justiça de Piumhi. Dona Vitolina de Rezende Silva resumiu o sentimento do Dr. Horta por nossa terra e o ambiente da Escola Normal: *"Dr. Horta amou Piumhi não em palavras, mas, com atos: quantas professoras estudaram na Escola Normal sem fazer nenhum pagamento. E a escola era paga com dinheiro dos alunos! E o ambiente do co-*

ACERVO DO AUTOR



Dr. Francisco de Paula Rebelo Horta; juiz de Direito que transformou Piumhi pela Educação

légio... Formávamos uma grande família, muito alegre e unida, cada um temendo pelo dia da separação. Como tudo era formidável! Dr. Horta foi um batalhador pela paz, cultura e progresso de Piumhi".

Depois da comarca de Leopoldina, galgou, por merecidos méritos, a posição de desembargador do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, posição igualmente ocupada com dignidade, amor e justiça.

O professor Horta faleceu em Belo Horizonte, em 14 de fevereiro de 1973. Em Piumhi, é lembrado não só como um juiz, mas como um grande benfeitor da história da Educação de nossa comunidade. Por isso, esse benemerito teve, com justiça, o seu nome escolhido para patrono de uma das escolas da cidade. Uma justa homenagem a quem tanto lutou em favor da Educação.

**Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com**

Médico humanista, prefeito e um verdadeiro cidadão de alma caridosa (I)

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Dr. João Batista Soares nasceu no dia 30 de dezembro de 1945, na fazenda de seus pais, próximo ao distrito de São Sebastião de Cabrestos, hoje, Campinópolis, na época, município de Guia Lopes (atual São Roque de Minas). Filho de Jaime Soares Ferreira e dona Enita Soares de Faria, casados em São Roque de Minas, no dia 18 de agosto de 1842. Dr. João foi batizado no dia 24 de julho de 1946, na Capela da Vargem Bonita, recebendo as bênçãos do padre José Januário Rodrigues de Paiva e dos padrinhos: o tio materno, Alberico Faria, e Tely Alves Queiroz.

Cursou o ensino primário na comunidade de São Sebastião dos Cabrestos (hoje Campinópolis). Apesar da simplicidade da escola e da falta de formação das professoras, verdadeiras guerreiras, o pequeno João Batista se encantou com a arte do conhecimento. A pacata Cabrestos ficou pequena para os sonhos e aspirações dele. Aos 11 anos, mudou-se para a cidade de Passos, para dar continuidade aos seus estudos. Depois, foi para Formiga, onde estudou no conceituado e famoso “Colégio Antônio Vieira”, em regime de internato. Essas escolas foram fundamentais para sua formação básica, levando-o ao curso de Medicina.

Certo de que queria ser médico para minimizar o sofrimento humano que via desde os tempos de sua infância, partiu para Belo Horizonte, em 1966, para o temido vestibular. O resultado do exame de admissão para a faculdade revelou a sua dedicação e o seu comprometimento com os estudos. Foi aprovado em 3º lugar na Faculdade de Ciências Médicas e em 9º, na UFMG -- Universidade Federal de Minas Gerais. Optou pela UFMG. Naquele mesmo ano, iniciou-se no curso de Medicina. Com muita luta e persistência colou grau em dezembro de 1970. Depois

especializou-se em cirurgia e, como médico recém-formado, decidiu morar em Piumhi.

Aos 26 anos, já formado, Dr. João se casou em 3 de julho de 1971, em Piumhi, com a educadora Wilma Imaculada Sansoni Soares, natural de Bambuí, filha do importante engenheiro prático e construtor Geraldo Sansoni e Ada Souvenir da Luz. O casal teve quatro filhos: Adael, Gustavo, João Marcelo e José Augusto. Um homem de fé, devoto dos Três Reis Magos, ele fazia questão de receber em sua casa a Companhia de Reis, da cidade de Vargem Bonita, no dia dedicado aos Reis Magos, 6 de janeiro. Dr. João era coroado como rei e sua esposa Wilma, rainha. Era uma grande festa, com orações e reverências aos sábios homens que descobriram, pela estrela, o nascimento do Filho de Deus.

Em Piumhi, iniciou sua trajetória profissional na Casa de Saúde de São Rafael. Posteriormente, ingressou no corpo clínico da Santa Casa de Misericórdia de Piumhi, onde prestou relevantes serviços para minimizar a dor e o sofrimento de muitas pessoas. Entre suas atividades beneméritas, Dr. João foi membro do Rotary Club de Piumhi e da Loja Maçônica Fraternidade Piumhiense. Seu hobby principal era reunir os amigos para uma boa pescaria no Rio São Francisco.

Dr. João saiu ‘da roça’ e se fez médico, mas ‘a roça’ não saiu dele. Tinha prazer e carinho em conversar ou atender pessoas do meio rural. O seu carisma o conduziu ao cargo de médico do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Piumhi. Esse cargo teve uma importante influência nas decisões que tomaria no seu futuro. Mais do que na época da infância, Dr. João pôde perceber

ACERVO DO AUTOR



Dr. João Batista em foto de formatura em 1970

o quanto a realidade e a vida do trabalhador rural eram sofridas; o quanto as mazelas e o desasco político poderiam ceifar vidas inocentes e produtivas, desestruturando famílias, com a morte dos seus arrimos. Ouvindo as dificuldades e os anseios daquele povo sofrido, todos os dias, em suas consultas, dedicava-se cada vez mais à medicina social. Aos poucos, foi seduzido pela política, na esperança de poder, como agente público, melhorar de alguma forma a vida do povo que via como sua família. Entre as décadas de 80 e 90, ocupou, por oito anos, o cargo de chefe do Serviço Municipal de Saúde. Às vezes, era mais conselheiro e psicólogo do que médico. Sempre tinha uma palavra de incentivo ou de conforto para oferecer. No consultório, recebia os pacientes com um sorriso amigo e um olhar acolhedor, infundindo confiança pessoal e segurança profissional. Atendia com a mesma dedicação e atenção pacientes que podiam pagar e os mais carentes. Era ético e generoso por natureza. Na próxima edição apresentaremos aos leitores o lado político de Dr. João.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

Médico humanista, prefeito e um verdadeiro cidadão de alma caridosa

LUIΣ AUGUSTO JÚNIO MELO

Desde o início da década de 90, Dr. João assumiu com a psicóloga Dra. Maria da Páscoa Macedo a direção da Clínica Climpium, credenciada pelo DETRAN-MG, para a realização de exames médicos para emissão da Carteira Nacional de Habilitação (CNH). Quando Dr. João assumiu o cargo de prefeito, coube ao Dr. Nélson Soares de Melo fazer o atendimento médico na clínica, devolvendo a função quando o titular pôde retornar.

Mesmo tendo se desdobrado e se dedicado nessas funções, percebeu que poderia fazer mais se tivesse em suas mãos a administração do município. Em 1996, surgiu a oportunidade de se candidatar ao cargo de prefeito, nas eleições do referido ano, tendo como vice, o empresário Ivamar Goulart da Silva. Foi uma campanha acirrada. Os votos foram decididos um a um, no corpo a corpo. Seus oponentes, o fazendeiro José Garcia da Silva (Zé Agreny), candidato a prefeito, e o candidato a vice, Antônio Sabino da Silva, também empreenderam um eficiente trabalho eleitoral.

Foi uma campanha bonita e que nos traz saudades, pois não se discutia, como hoje, índole dos candidatos, mas as propostas e a capacidade administrativa de cada um deles. Na apuração das urnas, presenciou-se uma carga de adrenalina há muito tempo não vista. A eleição foi disputada voto a voto, urna a urna. No final, Dr. João Batista e Ivamar Goulart tiveram 68 votos à frente do adversário, somando 8.043 votos. José Agreny e Antônio Sabino tiveram 7.975. Após o anúncio do resultado da eleição, o candidato derrotado pediu a recontagem dos votos, mas a justiça negou. Dr. João e Ivamar foram diplomados e tomaram posse em 1º de janeiro de 1997. Nessa época, eu era pequeno e nem votava, mas ficávamos em volta do rádio por quase toda a madrugada à espera ansiosa do boletim eleitoral anunciado com suspense pelo saudoso José Roberto Goulart.

Sua primeira missão como

prefeito de Piumhi foi equilibrar as contas públicas. Após a conclusão de um governo de realizações, o próprio Dr. João avaliou a sua gestão num informativo distribuído pela prefeitura: “*Fizemos o que a criatividade humana possibilita, dentro dos recursos disponíveis*”. Dr. João pode ser avaliado como um governante honesto e trabalhador, destacando como sua principal marca a administração da máquina pública em sintonia com diversos setores

da comunidade, garantindo a melhoria dos serviços prestados para a população e a solução de demandas e questões comunitárias.

Dentro dessa perspectiva, destacamos a reforma do Palácio 20 de julho, sede da Prefeitura Municipal; a reestruturação do setor da Educação e municipalização de várias escolas; a criação da sede do Conselho Tutelar; a instalação do Sistema Único de Saúde (SUS) e dos primeiros PSF's -- Programa de Saúde da Família; a informatização de todos os setores da prefeitura; a reinstalação da EMATER, pedido de muitos produtores rurais; o convênio com Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA); o convênio com o Banco do Brasil e o Sindicato Rural de Piumhi para a instalação da Sala de Agronegócios; a regularização da doação de terrenos através de títulos de aforamento; a instituição do novo Código de Posturas do Município; a criação da Procuradoria Municipal; a elaboração dos Estatutos para Planos e Cargos de Carreira do Magistério. Ainda a publicidade das contas públicas, por meio da Internet, iniciada de forma pioneira, uma prática que hoje se tornou obrigatória; a instala-

ACERVO DO AUTOR



Dr. João Batista: valorização da vida, honestidade e integridade como médico e homem público

ção da Delegacia Seccional de Polícia Civil em Piumhi; a unificação e oficialização através de lei estadual da grafia do nome da cidade, pondo fim a uma confusão toponímica que durava mais de um século; a instalação de um Velório Municipal; a criação do Conselho Municipal de Turismo (COMTUR); a instalação do Espaço Cultural II Bruno, no antigo casarão da família Bruno; o resgate do carnaval de rua, com desfile das Escolas de Samba da cidade; o suprimento da Biblioteca Pública com livros novos; o plantio de palmeiras imperiais ao lado da escadaria de acesso à Cruz do Monte; a inauguração do Consórcio Intermunicipal de Saúde da Canastra (CINSC), a inauguração do novo prédio da Cadeia Pública, atendendo antigo anseio da comunidade para a retirada da unidade prisional do centro da cidade, e muitas outras obras, que fizeram de seu governo um marco de realizações, construídas à base do equilíbrio das contas públicas.

Na próxima edição finalizaremos nossa homenagem a esse personagem ímpar de nossa história.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

Dr. João Batista Soares: Médico humanista, prefeito e um verdadeiro cidadão de alma caridosa – Parte III

‘Nunca perdeu para cargos que galgou o brilho da humildade’

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Dando continuidade às obras do Dr. João Batista Soares como prefeito, uma que merece destaque, entre tantas realizadas, foi a construção da avenida Querobino Mourão Filho e a edificação da rotatória Aparecida Mourão Tomé (Mae-Carinho). Esta avenida se tornou um dos principais corredores de acesso a Piumhi, além de ter contribuído para o desenvolvimento de bairros à sua volta. A duplicação da ponte da rua Floriano Peixoto também foi outro marco. Uma obra cara, feita com recursos próprios do município, que transformou uma passagem estreita em uma ampla conexão com o centro da cidade, com passarela exclusiva para pedestres.

Dr. João foi o prefeito que trabalhou com afinco para encurtar distâncias. Não mediu esforços e construiu 42 pontes de concreto no município. Ele será sempre uma referência de gestão, com olhar atento às necessidades da população rural. Essas pontes trouxeram mais conforto para os produtores rurais e maior facilidade para o escoamento da produção agropecuária. Obras que não aparecem aos olhos são feitas por aqueles que pensam no coletivo e não apenas no interesse de obter votos.

Foi no mandato de Dr. João que foram instalados os hidrômetros nas residências e comércio da cidade. Uma medida impopular, mas enfrentada com coragem. Essa atitude possibilitou a regulamentação do uso da água de forma justa e sustentável, garantindo o abastecimento para todos. Obras de captação e armazenamento de água também foram realizadas em seu mandato, como a construção de dois reservatórios: um no alto do bairro Nova Piumhi e outro próximo à Cruz do Monte. Essas melhorias trouxeram alívio para os moradores da parte alta da cidade: bairros Cruzeiro, Elisa Leonel, Santo Antônio, Jardim América, São Judas, que conviviam com instabilidade do fornecimento de água.

A construção do reservatório da Cruz do Monte foi realizada pela Construtora Melo. Naquela época, a usina de concreto mais próxima era em Passos. Como o tempo de transporte de cerca de duas horas era muito, para que o concreto não chegassem endurecido ao destino, eram misturados cinco quilos de açúcar na massa para que ele endurecesse mais lentamente, assim como era feito na construção de fogão à lenha em que era colocada rapadura para a massa secar lentamente e não trincar com o fogo. Foram consumidos mais de 250 metros cúbicos de concreto, durante três dias e três noites ininterruptamente, para a construção de um reservatório com capacidade de



ÁLBUM PARTICULAR

O médico João Batista Soares: ‘Um prefeito do qual nos orgulhamos’

1,5 milhão de litros de água.

Com sabedoria e zelo pelo dinheiro público, escasso naquela época, Dr. João conseguiu reformar vários veículos da frota municipal que estavam abandonados. Era uma saída para suprir as necessidades, tendo em vista como encontrou a prefeitura, sendo preciso economizar para colocar as contas em dia. Demonstrou austeridade e compromisso com os princípios da gestão pública.

Concluído o seu mandato, Dr. João estava certo de que cumprira com êxito a sua missão. Os esforços e os desgastes inerentes ao cargo, bem como as limitações que lhe eram impostas, como a instabilidade financeira existente no país e a falta de verbas e recursos, o levaram a se desiludir um pouco com a política. Retomou suas atividades clínicas e a administração de seus negócios particulares. Voltou a trabalhar na sua Clínica de Exames Psicotécnicos, onde permaneceu enquanto a saúde permitiu.

Seus esforços para uma Piumhi melhor sempre foram reconhecidos pelos piumhienses, fossem na área de atuação profissional ou no espírito caritativo. Recebeu o título de cidadão honorário do município e diversas outras homenagens. De igual forma, o reconhecimento se fazia também nos municípios vizinhos.

Em 2021, Dr. João apresentou problemas de saúde que o impossibilitaram de continuar a exercer sua profissão. Com seu quadro de saúde agravado, foi internado em dezembro do mesmo ano, no Hospital Santa Genoveva, em Uberlândia, onde faleceu nas primeiras horas do dia 18 de fevereiro de 2022. As cerimônias fúnebres e despedidas dos amigos foram realizadas no templo da Loja Maçônica

Fraternidade Piumhiense, sendo sepultado no Cemitério da Saudade de Piumhi, no dia seguinte ao falecimento. O município de Piumhi decretou luto oficial por três dias. O redator do Alto S. Francisco registrou o impacto do falecimento do nobre médico: “O clima de luto e pesar tomou conta da cidade na manhã da sexta, 18 de fevereiro de 2022, com a chegada da notícia do falecimento do ex-prefeito de Piumhi (97/2000) João Batista Soares. Médico por coração, por profissão e principalmente por vocação. (...) sempre atento às classes mais carentes da sociedade, governando Piumhi com uma proposta administrativa simples, direta e objetiva: fazer de seu governo um compromisso com a vida”. Nas redes sociais, muitos piumhienses levantaram vozes e colocaram a público muitas de suas realizações caritativas, realizadas no silêncio do dia-a-dia.

Entre os entrevistados que ajudaram a contar esta história de vida, uma unanimidade se destacou: a honestidade e o caráter de Dr. João. “Ele não se deixou corromper por nada, principalmente, quando esteve à frente da prefeitura. Um prefeito do qual nos orgulhamos”, relatou o amigo Aroldo Carneiro Arantes. Dr. João Batista Soares foi um homem simples, dedicado, companheiro e sempre disposto a ajudar os menos favorecidos. Nunca perdeu para os cargos que galgou o brilho da humildade. Sempre soube valorizar a vida e seus conterrâneos. Sua trajetória de vida é um espelho e inspiração para as gerações, a fim de constituírem uma realidade social melhor, mais justa e humana.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

MEMÓRIA PIUMHIENSE

ITAMAR SOARES DOS SANTOS – ITAMAR SANTINHO (Parte I)

Ainda jovem arrimo de família, político e atuante nas causas sociais e culturais

ÁLBUM DE FAMÍLIA



Chico Santinho e dona Laura (assentados) e os filhos. Itamar Santinho aparece atrás dos patriarcas

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Francisco Soares dos Santos e Laurita Soares Arantes se casaram em Piumhi em 6 de janeiro de 1943. Ele, natural de Piumhi, 23 anos, filho de José Soares dos Santos e dona Maria José das Dores. Ela, também natural de Piumhi, 17 anos, filha de Vicente Soares Ferreira e Ana Goulart Alves. Francisco era conhecido como Chico Santinho e Laurita era conhecida como dona Laura. Após o casamento ela passou a assinar Laurita Soares dos Santos. O casal teve 10 filhos e o primeiro deles, Itamar Soares dos Santos, é a personagem central desta narrativa. Itamar Soares dos Santos nasceu no dia 25 de outubro de 1943, na Mata das Capoeiras, zona rural do município de Piumhi, na Fazenda de seus pais. Sua primeira herança foi o apelido do pai, pois tornou-se conhecido como Itamar Santinho. Passou a infância na roça, onde teve poucas oportunidades de estudo, mesmo assim conseguiu aprender a ler e escrever frequentando uma escola rural até o quarto ano primário. Dono de uma inteligência nata, conseguiu consolidar-se intelectual e culturalmente através de alta capacidade de percepção e compreensão das coisas -- era um verdadeiro autodidata. Sua infância não foi só escola, pois desde muito novo teve que ajudar no pesado trabalho da roça, o que lhe proporcionou aprendizados que lhes acompanharam durante toda a sua existência.

A dificuldade e a responsabilidade de Itamar Santinho aumentaram, consideravelmente, quando em 4 de maio de 1969, repentinamente, morreu a matriarca da família. Dona Laura morreu aos 42 anos de idade em decorrência de problemas cardíacos: deitou-se para dormir e nunca mais acordou. Além do trabalho na roça, Itamar teve que se dedicar à cozinha e ao cuidado dos

irmãos mais novos: Luiz, João Batista e Ciro. Foi nesse momento que Itamar desenvolveu gosto pela culinária, característica que também lhe acompanhou por toda a sua existência. Ainda na roça teve a oportunidade de realizar inúmeras peças de teatro, ao lado de Marlene de Souza Costa (Marlene do Totonho) e tantos outros, o que representava um momento de grande alegria para aquele povo sofrido, mas alegre.

Após a morte de dona Laura, Chico Santinho nunca mais foi o mesmo: desenvolveu um sentimento de tristeza, apatia e desânimo, o que hoje seria classificado como depressão e teria tratamento a alguns comprimidos. Cada dia que passava a tristeza aumentava e chegou ao ápice, quando, quatro anos após a morte de sua amada, tomou a tresloucada decisão de cometer suicídio. Não cabe julgamento, pois não se sabe a dimensão da tristeza que rondava o coração do patriarca daquela família. Chico Santinho encontrou alívio aos seus sofrimentos no dia 5 de setembro de 1972, quando faleceu aos 54 anos.

Mais uma vez o peso da responsabilidade de Itamar Santinho aumentou: passou ele a ser o arrimo da família e responsável por comandar aquela numerosa família. Aos poucos os irmãos foram crescendo, casando e tomando seus rumos na vida. Itamar, ainda jovem, tornou-se cozinheiro de comitivas que transportavam gado para Goiás, Paraná e outros estados. Imagine as dificuldades de uma viagem destas: imensa distância percorrida a pé ou no lombo de um cavalo ou muar, intempéries climáticas, sol escaldante, chuvas torrenciais, rios caudalosos, riscos de assaltos etc. Cozinhar para um grupo de trinta pessoas também não era uma tarefa fácil, mas Itamar gostava da função e a cumpria com o maior zelo possível.

O trabalho na roça o colocou próximo do sofrimento humano, desenvolvendo nele uma grande capacidade de solidariedade, de querer ajudar as pessoas, principalmente, os mais necessitados. Esta é outra característica que se tornou importante marca de sua identidade.

Em 25 de maio de 1968, ano do primeiro centenário de Piumhi, Itamar Santinho se casou com Maria Joana Neta, conhecida como dona Cruzinha – apelido herdado da avó que se chamava Maria Joana Cruz, conhecida como Sá Cruz. Cruzinha era natural de Piumhi, tinha 27 anos na ocasião do casamento e era filha de Braz Rezende Silva (Cicino Silva) e Jovina Emilia da Silva. Após o casamento passou a assinar Maria Joana dos Santos. Itamar tinha 24 anos naquele ocasião. Nascia naquele momento uma história de amor e cumplicidade que teria a duração de 51 anos. Itamar e Cruzinha tiveram um casal de filhos: Jasmenor, nascido em 1971 e Juliani, nascida em 1979.

Os ‘meninos’ como Itamar os chamava foram criados em Piumhi para frequentarem melhores escolas, mas o patriarca continuava buscando sustento no trabalho na cidade e na roça. A vida naquele tempo não era fácil, o dinheiro tinha pouco poder de compra e era muito comum a troca de mantimentos entre as pessoas. Itamar foi um excelente pai, sempre dedicado à família, amoroso carinhoso, atencioso e preocupado. Mesmo cuidado que dispensava a todos os seus irmãos, principalmente aos mais novos que o tinham como pai, aos primos, cunhados etc. Apesar de todos esses sentimentos sabia chamar a atenção e ‘puxar a orelha’ quando necessário. Na próxima edição continuaremos a biografia desse grande piumhiense.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

ITAMAR SOARES DOS SANTOS – ITAMAR SANTINHO (Parte II)

Ainda jovem arrimo de família, político e atuante nas causas sociais e culturais

LUIΣ AUGUSTO JÚNIO MELO

O espírito caritativo e o constante desejo de ajudar ao próximo, principalmente os menos favorecidos, acabaram por conduzi-lo à política. Foi eleito para o cargo de vereador por três mandatos consecutivos na época dos prefeitos: Dr. José Garcia Pereira (1989 a 1992), Wilson Marega Craide -- Craidinho (1993 a 1996) e Dr. João Batista Soares (1997 a 2000). Assumiu um quarto mandato de vereador, como suplente, após o falecimento do parlamentar Pedro Rezende Silva. Como vereador sempre privilegiou as questões sociais e culturais. Dentre os inúmeros projetos e proposições destaca-se a construção da quadra esportiva no bairro Pindaibas, obra que retirou muitos jovens das ruas e do mau caminho. Também incentivou a realização de carnavais, festa que era sua verdadeira paixão e pela qual tinha especial dedicação. Ainda no poder público, teve a oportunidade de comandar as creches e trabalhar na área social à época do prefeito Arlindo Barbosa Neto (Marcinho Contador).

Como dissemos o Carnaval era uma de suas maiores paixões. Criou blocos carnavalescos e promoveu desfiles de escolas de samba. Defendia a ideia de que o Carnaval deveria ser para todos por isso incentivava essas festas populares, vez que os mais abastados poderiam brincar seu Carnaval no Piumhi Tênis Clube (PTC). Terminados os festejos carnavalescos de um ano, Itamar Santinho fazia contato com amigos das escolas de samba do Rio de Janeiro e conseguia vestes, alegorias e instrumentos musicais que eram trazidos numa Kombi lotada e que serviriam para alegrar as escolas

de samba mais pobres de Piumhi na folia do ano seguinte. Fez isso por diversas vezes, sem ganhar nada em troca, apenas pelo prazer que sentia em ajudar e pelo amor que tinha ao Carnaval.

Como festeiro foi responsável pela organização de inúmeras festas de casamento, noivados, bodas entre outras. Sempre se dedicava ao máximo para que tudo desse certo. Ajudou por diversas vezes instituições sociais, entre essas, a APROMIP, Sociedade São Vicente de Paulo, Paróquia Nossa Senhora do Livramento. Muitas dessas ajudas eram para escarnar vacas para a realização de festas ou para o consumo das entidades. Sua essência era ajudar, não importava quem, quando e nem onde.

Itamar Santinho ficou vivo em 17 de setembro de 2021. Cruzinha morreu em decorrência de complicações da COVID-19, trágica pandemia que assolou o mundo durante mais de dois anos. O mais triste foi que não houve velório e Itamar não pode sequer se despedir da companheira de mais de 50 anos de caminhada. Acompanhou a cerimônia de despedida à longa distância, sentindo muito a perda da esposa.

Desde então, Itamar teve agravado seus problemas de saúde: as dores na coluna provocadas por excesso de peso, diabetes, doença de chagas e hipertensão arterial -- tudo rigorosamente tratado. Mas em fins de março e início de abril

ALTO ARQUIVO



O ex-vereador e presidente da Câmara Itamar Santinho: humildade, generosidade e solidariedade

de 2023 apresentou uma grave obstrução intestinal, cuja solução viável seria a realização de uma intervenção cirúrgica, mas como o CTI de Piumhi estava temporariamente fechado em decorrência de crise financeira na Santa Casa de Misericórdia, o médico o encaminhou para Passos onde o procedimento foi realizado. Mas seus problemas de saúde não ajudaram na recuperação e em 14 de abril de 2023, faleceu naquela cidade, deixando uma lacuna irreparável no coração dos familiares, amigos e da sociedade piumhiense como um todo.

Itamar Santinho deixou 5 netos e 3 bisnetos, mas mais que isso deixou um legado importante para a sua família e para a sociedade piumhiense: humildade, generosidade e o espírito de serviço aos mais humildes. Sua história de vida é um exemplo para a sociedade contemporânea a fim de buscarmos uma comunidade mais justa e igualitária.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

Três formatos diferentes no altar das três matrizess

ACERVO DO AUTOR



A Padroeira Nossa Senhora do Livramento em suas três versões: a barroca, a brasileirada e a europeizada

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

No dia 15 de agosto, a paróquia primaz de Piumhi celebra a Festa de sua padroeira: Nossa Senhora do Livramento, surgindo a oportunidade de refletirmos um pouco sobre a sua origem em Piumhi e sobre a história das imagens que ocuparam lugar de destaque nas três igrejas Matrizess que Piumhi já possuiu. Uma imagem sacra de estilo barroco de aproximadamente 40 centímetros de altura, esculpida em madeira de lei, de autoria desconhecida foi a responsável pela determinação da escolha da padroeira de Piumhi, nos idos da segunda fase de sua colonização da região, ocorrida nos últimos anos da década de 1740 e primeiros anos do decênio seguinte. Nossa Senhora do Livramento foi a padroeira, escolhida, segundo a tradição oral por ter sido encontrada entre os pertences de um dos moradores. A pequena imagem foi entronizada no altar de uma pequenina capela construída de taipas de barro e coberta com folhagem de palmeiras. A pequenina capela foi erguida de frente a uma frondosa lagoa que se estendia ao longo da atual praça Dr. Avelino de Queiroz e sua porta era voltada para o córrego Lavapés, onde estava o veio minerador que deu origem à povoação, muito próximo ao local que hoje denominamos "Marco Zero" e foi colocada a estátua do bandeirante João Batista Maciel, considerado fundador de Piumhi.

Assim, como a Capela tombou para ceder lugar a primeira matriz, cuja construção se deu nas últimas décadas do século XVIII, a pequena imagem de Nossa Senhora do Livramento de pintura policromada sofreu grande intervenções ao longo dos anos perdendo a sua originalidade em termos de pintura. Consta que a tinta da obra foi "lavada" para ceder lugar a nova tinta, desconhecendo se as cores originais foram preservadas. Assim a pequena obra de arte de estilo barroco que serviu de testemunha ao surgimento e desenvolvimento do arraial foi modificada por pretensos restauradores que a descharacterizam de seu estilo original. O título de Nossa Senhora do Livramento é de origem portuguesa e se identifica muito com o processo de colonização imposto pelos lusitanos, bem como da história local, pois ainda nos primórdios da povoação a padroeira do lugar teria

livrado dois poderosos fazendeiros de um duelo por questões de terras: era o "Milagre da Paz". As terras em litígio foram doadas à Nossa Senhora do Livramento, a qual passou a ser proprietária de 350 alqueires de terras somando outras doações posteriores, patrimônio que ensejou a criação da Paróquia poucos anos depois e depois se assentou a cidade que chamamos de Piumhi.

Sem dúvida, essa imagem de Nossa Senhora do Livramento é a mais valiosa peça histórica do município de Piumhi, hoje conservada pela Paróquia Nossa Senhora do Livramento, a qual está estudando a viabilização da sua restauração com objetivo de resgatar os seus traços originais, caso seja possível, carecendo de recursos financeiros para tal obra. A imagem permaneceu no altar da antiga Igreja Matriz de duas torres até o início do século XX, quando o templo barroco foi demolido e substituído por outro cuja construção levou aproximadamente 11 anos para ser finalizada.

A nova Matriz uma imagem maior, de madeira, entalhada em feições humanas tipicamente "brasileiras": rosto alongando e seios bastante fartos sugerindo influência africana e aparência rechonchuda dos personagens, de modo especial no Menino Jesus e nos anjos dispostos aos pés da padroeira, o que revela a existência de alguns leves traços barrocos. Outro elemento que nos chama atenção na imagem é um pequeno decote na região dos seios, o que revela um pensamento um tanto avançado do artista plástico que a entalhou, cuja identidade nos é desconhecida. Os paroquianos e os críticos de arte acham-na desprovida de beleza e mal feita, mas há de se observar também os seus predicados e a dificuldade do trabalho em madeira comparando com o gesso e argila. Permaneceu soberana no altar da Matriz de Piumhi até que o padre Abel se incomodasse com a sua presença e a destronasse de sua posição de destaque.

Assim, com o advento da construção da nova Matriz no início da década de 1940, inaugurada em 8 de dezembro de 1945, empreendida pelo padre português Abel de Abreu Vouguinha, uma nova imagem da padroeira foi encomendada. Essa nova é considerada uma bela e verdadeira obra de arte, tanto pelo realismo quanto pelos detalhes que apresentam. Prevalecem nela os

traços europeus, revelando a influência do padre português na composição da peça: pele branca, rosto redondo, perfeito e simétrico. Foi construída à feição humana perfeita, tanto em Nossa Senhora, quanto no menino Jesus e nos anjos que adornam os pés da padroeira. Essa imagem foi confeccionada em gesso, por artista desconhecido e sofreu ao longo de sua existência inúmeras intervenções de artistas e pintores locais a pretexto de restauração até adquirir as feições que hoje apresenta. Permaneceu firme no altar por quase meio século, até meados da década de 1990, quando o padre Antônio Campos Pereira (Tonhão) decidiu reconstruir o antigo altar demolido anos antes em razão das inovações trazidas pelo Concílio Vaticano II. Nessa ocasião, a velha imagem de madeira, retornou ao altar sob a justificativa de que "ela representa melhor as feições do povo brasileiro", como dizia na época a Irmã canadense Marcelle Rousse, personagem importante no trabalho social e pastoral em Piumhi e que teve papel destacado na substituição da imagem no altar.

A imagem desentronizada foi para o Escritório Paroquial onde permaneceu até nova intervenção do altar da Matriz realizada pelo padre Jair Aurélio Borges, oportunidade em que voltou para o seu antigo trono e a de madeira passou a proteger o Escritório Paroquial e seus visitantes. A primeira imagem de Nossa Senhora do Livramento foi entronizada na Capela de mesmo nome construída no Centro de Formação na Serra da Pimenta. Na época do padre Jair Aurélio nova imagem foi encomenda para a empresa Li Artes de Boa Esperança – SP e a peça histórica foi trazida para o Espaço Cultural "Padre José Vicente de Araújo", organizado no Escritório Paroquial.

As três imagens estão intimamente ligadas à religiosidade, história e cultura de nosso município e dessa forma, a preservação das três peças sacras devem ser um dever coletivo da Paróquia que detém a posse e a propriedade das mesmas, do povo piumhiense e do poder público. A Paróquia está em campanha para a restauração da mais antiga, interessados em contribuir procurar o escritório paroquial.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

Homem simples que se fez grande liderança cooperativista em Piumhi

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

A personagem de hoje de nossa Coluna ‘Memória Piumhiense’ é Edson Baltazar Vilela, o Edson Alemão, um homem simples que se fez grande liderança no cooperativismo piumhiense. Filho de Domingos Soares Vilela e de Eni Faria Vilela, nasceu em 26 de dezembro de 1951, no distrito de Campinópolis (São Sebastião de Cabrestos), no município de Vargem Bonita. Morou em sua terra natalícia por pouco tempo. Em seguida, mudou-se com a família para a cidade de Piumhi. Membro de uma família de 6 irmãos, além de Edson, a família se completava com os irmãos: Ovídio, Maria Vilela, Fátima, Joana e Auxiliadora. Nessa família, o amor e a união entre eles eram de se admirar.

Era dono de uma personalidade forte, certamente herdada de seu pai, Domingos. Ao mesmo tempo, tinha um coração imenso, qualidade que lhe permitiu ajudar muitas pessoas. Para ele, não havia divisão de pessoas e pautava a sua vida social e familiar na dignidade humana, na ética e na honestidade, tratando a todos de forma igualitária sem distinções de qualquer natureza.

Em 4 de dezembro de 1971, com 20 anos de idade, casou-se com dona Marilene Moura Vilela, natural de Piumhi, filha de Oscar Leonel e dona Lindica. O casamento se realizou em Piumhi. O casal teve quatro filhas: Kelly, Dalila (já falecida), Cláudia e Natália e três netos: Isadora, Guilherme e Carlos Eduardo. Sua filha Kelly Vilela e sua neta Isadora trabalham hoje no SICOOP CREDITALTO e honram o nome de Edson.

Vindo do meio rural, logo após ter noções básicas da escrita e das operações matemáticas, Edson iniciou a sua vida profissional ao lado de seu pai, com quem teve as lições mais importan-

tes de sua vida. No princípio, o acompanhava em viagens a cavalo para comprar e vender gado. Essas experiências com o pai tiveram valor ímpar no seu processo de formação. Elas permitiram contato direto e interação com diversos tipos de pessoas, ampliando de forma gigantesca a sua noção de mundo e de negócios.

Após o casamento, foi trabalhar como retiro na fazenda de seu irmão Ovídio Soares Vilela. Permaneceu pouco tempo nesse trabalho, até ganhar a experiência necessária para tocar sozinho uma gleba de terra que lhe foi cedida por seu pai, para plantar e criar gado, iniciando, dessa forma, a vida ligada ao meio agrícola que lhe acompanhou durante toda a sua existência. Ali, naquele pedaço de terra, Edson, ainda jovem, teve a oportunidade de se apaixonar pela profissão, plantando no terreno diversas culturas e criando gado de leite, o que se tornou a sua verdadeira paixão profissional.

Graças aos seus esforços e lutas, conseguiu comprar, em parceria com o irmão, o seu primeiro pedaço de terra, tendo condição de ampliar ainda mais a criação do gado leiteiro. Com o passar do tempo e com o falecimento do pai, Edson vendeu a fazenda que possuía e foi comprando, aos poucos a maioria das partes da propriedade de seus falecidos pais. A aquisição aumentou consi-

deravelmente a sua produção de leite, tornando-se um dos mais destacados pecuaristas de Piumhi e região.

Em 1981, fez a sua iniciação na Loja Maçônica Fraternidade Piumhiense. No ano seguinte, perdeu a sua filha Dalila, vítima de um acidente com eletricidade, iniciando um período difícil e triste, não só para ele, mas para toda a família. Porém, com fé em Deus e com apoio de amigos e familiares, conseguiram vencer aquela tristeza que invadiu a vida daquele lar.

Apaixonado por sua classe de produtor rural, já sócio do Sindicato Rural de Piumhi (SRP) há alguns anos, iniciou sua trajetória na diretoria da instituição como tesoureiro, entre 1986 e 1989, na gestão do saudoso Jair Braz da Silva, conhecido Nonô Braz. Nessa experiência, tomou gosto por ajudar, contribuir e interagir, de forma ampla com a classe agropecuarista.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

ACERVO DO AUTOR



Edson Alemão, uma das mais destacadas lideranças na história do cooperativismo piumhiense

Homem simples que se fez grande liderança cooperativista em Piumhi

Dentre seus legados, podemos destacar os princípios que lhe acompanharam durante toda a sua existência: honestidade, companheirismo e solidariedade

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Hoje daremos sequência ao resgate dos traços biográficos de Edson (Alemão) Baltazar Vilela, iniciado na semana passada. Entre os anos 1988 e 2009, ocupou o cargo de Presidente da Cooperativa Agropecuária de Piumhi (COAPI). Por vinte e um anos consecutivos, pôde deixar um imensurável legado para os cooperados daquela instituição. Auxiliado por outras mentes brilhantes, teve a oportunidade de desenvolver um belíssimo trabalho. Reformou e ampliou toda a sede da Cooperativa, trazendo mais conforto para os seus colaboradores e associados. Diversificou a loja da instituição, onde passou a ser encontrado produtos veterinários, insumos e ração de alta qualidade. Ampliou a sala de atendimento veterinário, implantando um sistema de plantão para que os associados e não associados pudessem ser atendidos em suas necessidades. Destaca-se que, naquela época, não existiam, em nossa cidade, tantos médicos veterinários, o que tornava a sua medida mais importante no contexto de nosso município. Adquiriu um lote ao lado da sede da Cooperativa para servir de estacionamento e local para carga e descarga de produtos da loja, bem como para a guarda dos veículos da instituição e de seus funcionários.

No ano de 2003, construiu os SILOS COAPI, ideia e projeto pioneiro no município. O local é utilizado pelos associados para o armazenamento de grãos. Em seguida, diante da necessidade do mercado e carência no ramo, construiu com seus companheiros de diretoria uma Fábrica de Ração. Justificou que essa medida agregaria valor ao produto de grãos e garantiria uma ração de alto padrão de qualidade e preço acessível e justo ao produtor.

Com o crescimento da Fábrica de Rações, ainda na sua gestão à frente da instituição, foi adquirido um galpão na Avenida Presidente Juscelino Kubitschek, o qual passou a servir para o armazenamento de estoque da ração e dos produtos veterinários, comercializados pela loja da instituição. Seguindo seu grande espírito empreendedor, logo percebeu que faltava um produto para completar a prestação de serviços aos produtores rurais e construiu a fábrica de sais minerais da COAPI. Seu



ACERVO DO AUTOR

A bateria de silos graneleiros da COAPI edificada na gestão de Edson Alemão que esteve no comando da cooperativa por mais de duas décadas

maior sonho era promover a fusão das cooperativas COAPI e a COOPERLAT em uma só instituição, com maior força para alcançar os objetivos da classe rural piumhiense. Infelizmente, não teve tempo para concretizar mais esse sonho. Dr. Nelson Soares, presidente do SICOOB CREDIALTO destacou: “*Edson era meu braço direito e estava presente todos os dias na CREDIALTO para ajudar nas deliberações do dia*”.

No ano de 1991, em razão do fechamento da Minas Caixa, um grupo de pessoas se reuniu para solucionar o problema do produtor rural. Nessa reunião, ficou decidida a criação de uma Cooperativa de Crédito Rural, hoje conhecida como Sicoob CREDIALTO, fundada em 3 de dezembro de 1991 e inaugurada em 9 de março do ano seguinte. Edson foi vice-presidente da instituição de 1991 a 2007, sempre utilizando-se do cargo para intervir em favor da classe agrícola do município. Desde a constituição da Cooperativa de Crédito até o ano de 2007, eram atendidos apenas associados produtores rurais. A partir desse ano, o Sicoob Credialto passou a ser de Livre Admissão. Na gestão dessa mudança, Edson atuou como vice-presidente, conseguindo contribuir com o seu conhecimento e experiência nas áreas sindical, agrícola e pecuarista.

Edson tinha o cooperativismo na veia e sempre zelava pela união das Cooperativas de Piumhi: COAPI, CEDIALTO e COOPERLAT. Atuou decisivamente em todas essas entidades, demonstrando ser competente líder e um exemplo de trabalho, honestidade, dedicação, humildade e sempre parceiro de seus companheiros e liderados. Edson possuía um forte senso de intercooperação e acreditava que uma cooperativa tinha que aju-

dar umas as outras.

Foi um homem muito determinado e desprendido de vaidade, que visava muito a ajuda ao produtor rural, nas dificuldades que os mesmos enfrentavam, procurando sempre o melhor para a sua classe sem medir esforços.

Em 2008, foi diagnosticado com câncer de pulmão. Os médicos que o assistiam deram-lhe apenas 6 meses de vida. Lutou bravamente pela sua recuperação. Infelizmente, após um ano e dois meses de intensa batalha pela vida e de pesados tratamentos, não resistiu e faleceu, deixando-nos no fatídico 9 de julho de 2009. A CREDIALTO, a COAPI e todos os ruralistas da região perderam um grande líder e companheiro.

Embora tenha partido para o plano celestial tão jovem, aos 57 anos de idade, foi capaz de deixar legados importantes por sua humildade, gestos e iniciativas em prol do bem comum. Dentre seus legados, podemos destacar os princípios que lhe acompanharam durante toda a sua existência: honestidade, companheirismo e solidariedade. Preceitos que seguiu durante toda a sua existência e que o levaram a conquistar a admiração e o respeito de seus pares e de toda comunidade piumhiense que sempre o tiveram na mais elevada conta. Dessa forma, também deixou aos seus familiares a fagulha da solidariedade e do amor ao próximo. Edson Baltazar Vilela foi um dos pioneiros no cooperativismo piumhiense e deixou a sua imensurável contribuição. Sua história como cidadão participante e ativo deve ser imitada e guardada na memória coletiva.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com



Nascida de um milagre

Professora, musicista e uma das maiores militantes da cultura piumhiense

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Vou dedicar algumas linhas à minha grande amiga Hebe Bruno, falecida em 2018. Levei muito tempo para ter coragem de escrever essas parcas palavras sobre essa grande entusiasta da cultura piumhiense.

Nasceu no sobrado da esquina da praça Dr. Avelino de Queiroz com a rua Getúlio Vargas, que pertencia aos seus tios Ovídio Arantes e Elina de Lima Arantes. Veio ao mundo prematuramente. O parto foi realizado pelo Dr. Avelino de Queiroz que a batizou às pressas, pois pensavam que ela não sobreviveria. Dr. Avelino foi o seu padrinho. Sua avó, chamada Izabel Olinda Terra, conhecida como dona Vida, embrulhou-a em uma manta e ficou massageando a menina e oferecendo-lhe calor, o que a fez recuperar e voltar à vida. Esses fatos se deram no dia 16 de novembro de 1928 e relatam o nascimento de Hebe Bruno, 2ª filha do casal José II Bruno de Lima e Elza Leal Bruno. Com o passar do tempo, Hebe foi se desenvolvendo e ganhando peso, conseguindo superar os primeiros desafios de sua vida, para surpresa de todos.

Foi criada no antigo casarão da rua da União, erguido pelo bisavô paterno David Saturnino de Lima, hoje rua Getúlio Vargas, onde viveu durante toda a sua vida. Nesse casarão, funcionou, por muitos anos, a pensão do avô Américo Bruno de Lima e que fora, posteriormente, administrada por seu pai, II Bruno. O ambiente permitiu que Hebe tivesse contato com pessoas das mais variadas culturas e de diversas regiões, o que serviu para aguçar ainda mais a sua curiosidade de menina. Ainda era muito pequena quando perdeu o seu irmãozinho Hebel, motivo de tristeza e angústia para toda a família, fato que, apesar da pouca idade, Hebe nunca se esqueceu.

Chegando à idade escolar, seu pai sentiu-se receoso em matricular a sua pequena filha no Grupo Escolar Dr. Avelino de Queiroz, pois temia que os

meninos maiores viessem machucá-la, mesmo involuntariamente. Assim, decidiu matricular a menina na Escola Santo Antônio, mais conhecida como escola da Dona Lidinha. Dona Hebe lembrava com saudade de suas aulas nessa escola: ‘era uma casa de dois pavimentos, que existe até hoje, naturalmente já toda remodelada, perdendo suas características originais. Eu era muito pequenina, e por isso meu pai não me deixava estudar na Escola Avelino de Queiroz, tinha medo que os meninos maiores pudessem me machucar. Assim, me colocou na Escola da Dona Lidinha, uma senhora gorda, arrumando uma pessoa que me levasse até lá. Lembro-me que ela me levava nas costas, de cavalinho, da esquina da casa do Doutor Moacyr, percorrendo o beco do França (chamava-se assim devido a um médico charlatão que morava nesse beco e que tinha apelido ou sobrenome de França), hoje rua Vigário José Florêncio, até o beco da Lagoa, hoje ruas Ramiro Júlio Ferreira e Tabelião Ovídio Arantes, até a escola. O sanitário era fora do prédio e para que alunas pudessem ir ao banheiro, fazia-se necessário pegar uma pedra com a diretora Dona Lidinha. Se a pedra estivesse na porta do banheiro era sinal de ocupado, e se estivesse na secretaria, o banheiro estaria desocupado’.

O pai de Hebe, II Bruno, era um autodidata considerado intelectual na época. Fez importantes desenhos, representando como eram as edificações de Piumhi antigo. Era também ótimo cronista, admirador de Tiradentes, do serviço militar e muito devoto de São José, tendo inclusive doado uma imagem grande do santo para a Igreja Matriz de Piumhi. A mãe, carioca, com a musicalidade correndo nas veias, foi autora do Hino de Piumhi. A convivência nesse ambiente só podia ter um resultado na formação de

ACERVO DO AUTOR



Hebe Bruno; um ícone artístico e cultural

Hebe Bruno: paixão pela música, arte e cultura, que lhes acompanharam durante toda a sua existência. Dessa forma, podemos dizer que herdou o dom musical dos pais. Desde muito pequena, simulava tocar piano na máquina de costura de sua mãe, colocando à sua frente uma revista, servindo de “partituras”. A paixão era tanta que aos sete anos foi estudar piano com D. Francisca Cherubina de Oliveira Alvim Caldeira, conhecida como D. Chiquinha Caldeira, viúva do Dr. Modesto Caldeira. As aulas de piano com aquela senhora foram um sonho que passou muito rápido. Mais tarde, passou a frequentar as aulas com a pianista piumhiense D. Maura Palhares. Quanto mais aprendia, mais queria aprender. No final de 1945, foi para o Rio de Janeiro, então capital federal, com a finalidade de conhecer os parentes de sua mãe. Naquela época, Piumhi contava com linha aérea para o Rio de Janeiro e Hebe teve a oportunidade de ser uma passageira da Aerolinea Nacional, em suas idas e vindas para aquela cidade. Na próxima edição veremos como foi a vida de dona Hebe na capital federal.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

Uma vida dedicada às artes

Professora, musicista e uma das maiores militantes da cultura piumhiense

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

No Rio de Janeiro, Hebe foi morar na casa do piumhiense e farmacêutico Otávio Guimarães, que possuía uma farmácia no Posto 6. Ele era seu tio, por parte de pai, também irmão do saudoso farmacêutico de Piumhi, senhor Antônio Guimarães. Seu anfitrião era muito amigo do Dr. Café Filho, presidente da República, após o suicídio de Getúlio Vargas. Guimarães expôs ao amigo político a situação da menina de Piumhi e este, rapidamente, comunicou ao Juscelino Kubitschek de Oliveira, na época, Governador de Minas Gerais, para que Hebe fosse colocada à disposição do Senado Federal e assim pudesse cursar seus dois últimos anos do curso técnico de piano sem perder a sua nomeação como professora.

Ainda, quando aluna do Conservatório, ao perceber que a situação econômica da instituição não estava boa, Hebe conseguiu uma audiência com o Dr. Café Filho e lhe expôs a situação. Sem nenhuma dificuldade, Dr. Café Filho conseguiu solucionar o problema com dois ou três telefonemas. Logo, os honorários dos professores já estavam em dia e o mais importante: o Conservatório foi oficializado e a partir de então passou a ser gratuito.

Durante os seus estudos, participou de vários recitais e concertos, sendo convidada como pianista, junto com seus colegas de canto e de outros instrumentos, para participarem da inauguração do Conservatório de Bangu.

Após a formatura, foi convidada pela empresa de Seguros Minas Brasil, da qual seu pai era representante, para abrilhantar as festividades num encontro realizado no Grande Hotel, em Araxá. O concerto foi completo, com músicas nacionais e estrangeiras. Foi muito aplaudida e recebeu flores e um broche de pedras preciosas como lembrança do seu primeiro concerto. Depois desse, nunca mais parou.

Em Piumhi, foi professora de Educação Artística, de canto orfeônico nas escolas Josino Alvim, Professor João Machado, Professor Horta e João Menezes. Aposentou-se após mais de 50

anos de serviços prestados ao Estado, pois afirmava que tinha muito medo de se aposentar, conforme confidenciou ao Dr. Nelson Soares de Melo em certa ocasião.

Em 1997, abriu mão de parte de sua casa na rua Getúlio Vargas e criou o “Espaço Cultural II Bruno”, na gestão do então prefeito Dr. João Batista Soares. Nesse espaço, foram expostas relíquias de inestimável valor histórico para o município e que foram sendo doadas pelas pessoas que confiavam no seu trabalho. Eram realizadas exposições de quadros, obras de arte e literárias de piumhienses, fotos antigas de Piumhi e de pessoas importantes de nossa sociedade. Foi um espaço extremamente importante para a valorização da história e cultura de nosso município. Posteriormente, o Espaço foi desativado e parte do acervo foi para a Casa da Cultura Oscar Alves Rocha e a outra parte está sob responsabilidade do Memorial “João Gatti”, (anexo ao Campo do Atlético Piumhiense Futebol Clube), do qual foi idealizadora, juntamente com Carlos Leonel de Oliveira.

Assumiu a vice-presidência do Atlético Piumhiense Futebol Clube, quando Otacílio Gonçalves Tomé foi eleito presidente da instituição. Foi nesse contexto, que nasceu o memorial “João Gatti”.

Um acidente provocou a fratura de sua mão esquerda, situação que quase lhe impedia de tocar piano. Mas foi insistindo até conseguir, apesar de não ter mais a mesma destreza e agilidade de antes.

Dona Hebe Bruno tinha um espírito caridoso por natureza e sempre procurava ajudar os mais necessitados. Ingressou-se na Conferência Vicentina Santa Luzia, em 17 de agosto de 1999,

ACERVO DO AUTOR



Dª Hebe Bruno; verdadeiro baluarte da preservação e regaste da história e cultura piumhiense

ocasião em que passou a conhecer e visitar os pobres de nossa cidade com maior regularidade. Em dezembro de 2001, passou a ocupar o cargo de tesoureira da Conferência. Também era religiosa e sempre tomava parte nas celebrações, adoração ao Santíssimo Sacramento, presença assídua nas reuniões e nas iniciativas em benefício das famílias pobres.

Depois de sofrer um acidente em casa e fraturar o fêmur, foi submetida a uma intervenção cirúrgica que acabou levando-a para a Unidade de Tratamento Intensivo. Não resistiu e faleceu em Piumhi, no dia 27 de novembro de 2018. Sua morte, poucos dias depois de completar 90 anos, abriu uma lacuna no campo cultural de nossa cidade. O velório foi realizado no plenário da Câmara Municipal de Piumhi, onde inúmeros amigos e familiares foram se despedir do maior baluarte no entusiasmo da preservação e regaste da história e cultura de nosso município. Foi sepultada no túmulo da família, na entrada do Cemitério da Saudade em Piumhi.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

Suor e arte no palco da vida

Autor, motorista, hoteleiro e grande empreendedor na edificação do prédio da Santa Casa de Piumhi

ACERVO DO AUTOR

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Joaquim Alves Arantes, conhecido como Quincalves, membro de uma importante família piumhiense, casou-se pela primeira vez com Domecília de Oliveira Machado, com quem teve quatro filhos: Álvaro, Francisco, Esther e Maria. Todos com sobrenome Arantes Machado. Após a viuvez, Quincalves casou-se pela segunda vez com Melvira Mourão Arantes, filha do Tenente Coronel Felisberto de Freitas Mourão e Melvira Evangelista Barbosa. O casal teve os filhos: Iracy, Jacyra Jandira, Maria Alves, Joaquim, Domecília, Izabel, Homero, Melvira, Dora, Neli, Tristão, Dolor e Terezinha (todos com sobrenome Arantes).

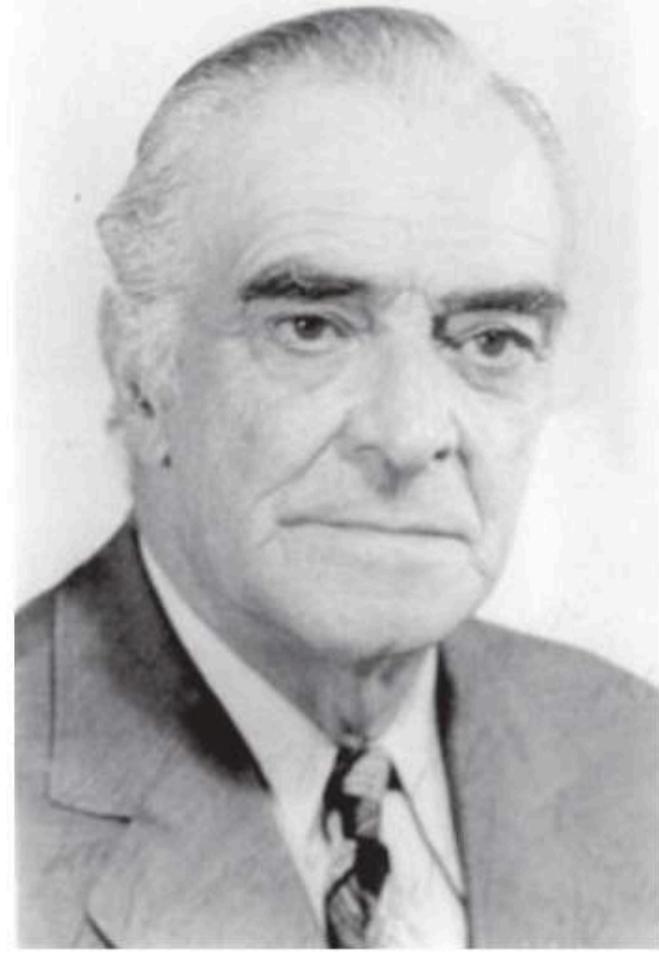
Homero nasceu em Piumhi, em 25 de maio de 1913. Foi criado e educado na companhia de seus pais e irmãos entre Piumhi e Capitólio. Apesar de ter origem em duas tradicionais e importantes famílias de Piumhi, a infância e adolescência de Homero não foram muito fáceis. A primeira e maior dificuldade ocorreu em 1925, quando aos 12 anos de idade perdeu o seu pai, de forma precoce e inesperada. O triste episódio marcou o fim da infância e o início da pesada responsabilidade do trabalho para ele e seus irmãos, a fim de ajudar a manter vida digna para a mãe e toda a família.

Nas palavras do filho Marcus Arantes, “Aos 18 anos de idade, sentindo que sua ajuda em casa já não era mais necessária, Homero bateu asas, pôs o pé no mundo e foi cuidar da própria vida”. As possibilidades não eram muitas: iniciou a construção da sua própria vida como trabalhador braçal na construção de um ramal ferroviário que ligaria a Rede Mineira (Formiga) à Rede Mogiana (Passos), cujos cortes na terra eram feitos à custa de muito suor e muitos golpes de picareta e enxada. O ramal nunca foi concluído em decorrência dos efeitos da crise de 1929. Muitos dos operários sequer receberam os seus ordenados. Depois dessa pesada e melancólica experiência,

tornou-se balconista de armazém, em que teve a oportunidade de praticar e exercitar os conhecimentos adquiridos na infância com seus professores. Do balcão de armazém, passou a trabalhar no Cartório do 2º Ofício de Notas de Piumhi, no qual seu meio-irmão, Álvaro Arantes Machado, era tabelião titular. Essas novas experiências profissionais deram a Homero autoconfiança em suas capacidades e fizeram-no entender que poderia alcançar degraus cada vez mais altos.

Ainda quando trabalhava no cartório, viveu uma desilusão amorosa que fez mudar radicalmente o curso de sua vida nos anos seguintes. Tentando esquecer aquela que lhe fazia sofrer, decidiu juntar-se a uma companhia teatral ambulante, de propriedade do senhor José Pozzoli, coincidentemente, o mesmo com quem seu pai havia trabalhado cerca de quarenta anos antes. Curiosos caprichos do destino. Na companhia teatral, teve a oportunidade de percorrer praticamente todo o interior mineiro como ator profissional, experiência que rendeu a Homero grandes conhecimentos de vida.

Por volta de 1938, nova mudança de rumos: abandonou a companhia teatral e foi para a cidade Cachoeiro do Itapemirim, no Espírito Santo, trabalhar como balconista na loja de seu outro meio-irmão mais velho. No ano seguinte, o seu espírito aventureiro o levou para o Rio de Janeiro, então capital federal do país, onde exerceu várias atividades, como balconista, trabalhador em fábrica e até vendedor ambulante. Embora as coisas fossem difíceis, naquela época, conseguiu manter uma vida razoável na medida do possível. Mas as suas origens não lhe saíam da cabeça. Sentia muita sau-



Homero Arantes, nasceu em Piumhi em 1913

dade de sua terra natal, Piumhi. Sentimento esse que o trouxe de volta para este rincão abençoado. Aqui, tornou-se funcionário público, trabalhando como auxiliar da coletoria estadual e, posteriormente, como agente fiscal.

Foi nessa época, que conheceu Therezinha Rocha Lima, uma bela e inteligente jovem de 20 anos, filha de seu chefe Raul da Costa Lima, titular da coletoria estadual. Casaram-se religiosamente em outubro de 1942, recebendo as bênçãos nupciais do padre Abel de Abreu Vouguinha. Civilmente se casaram na Fazenda Ressaca, casa de Alberto de Freitas Mourão, tio materno de Homero, no município de Doresópolis, em dezembro do mesmo ano. Tiveram seis filhos: Marcus Vinícius de Lima Arantes (20/09/1943), Carmem Lúcia Arantes Costa (26/07/1945), Homero Arantes Júnior (09/03/1947), Luiz Henrique Arantes (11/05/1959), Marilita Aparecida Arantes Rodrigues (26/06/1955) e Jacqueline de Lima Arantes (11/12/1962). Na próxima edição veremos com a vida desse grande homem mudou com o peso da responsabilidade.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

Por ele, Piumhi tem uma eterna e impagável dívida de gratidão

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Hoje, daremos continuidade ao resgate biográfico do saudoso Homero Arantes. Agora, o cenário da vida de Homero se modificou: não era somente ele, mas tinha a sua amada esposa. O peso da nova responsabilidade fez Homero abandonar o serviço público para colocar em prática o seu espírito empreendedor: abriu, em Piumhi, um hotel que foi denominado Hotel Vitória. Mas, parecendo insatisfeito, talvez porque os resultados não foram conforme o esperado, em 1945, Homero decidiu voltar à sua raiz: passou a ser fazendeiro, mudando sua residência, juntamente com a sua família, para uma pequena propriedade rural não muito longe da cidade.

No ano seguinte, abandonou a vida no campo, retornou a Piumhi, comprou um Fordinho, tornando-se motorista de praça. Ainda nesse ano, vendeu o Fordinho, prestes a se desintegrar e juntando todas as suas economias comprou um caminhão Dodge 1947, iniciando as atividades do seu novo empreendimento, o "Expresso Vencedor", uma linha de transporte de cargas entre Piumhi e São Paulo. Ao contrário do que se imagina, a profissão de caminhoneiro revelou-se uma das mais duras e difíceis de todas as atividades empreendidas na sua vida: as rodovias praticamente não existiam, e as estradas eram muito precárias, cheias de buracos e de atoleiros. Nessas idas e vindas entre Piumhi e São Paulo, sofreu alguns acidentes, mas dois foram extremamente sérios e quase lhe tiraram a vida.

Em 1950, Homero abandonou a dura e ingrata vida de caminhoneiro, vendeu o caminhão e montou uma padaria, dotada de equipamentos modernos, inovando esse ramo de atividade na cidade. Contratou dois padeiros em Belo Horizonte e iniciou o novo negócio, que perdurou até meados dos anos de 1960, quando construiu um hotel em Piumhi. Permaneceu no ramo hoteleiro, até o fim da sua vida.

À custa de muito trabalho duro e honesto, Homero e sua esposa conseguiram criar seus seis filhos, dando-lhes, principalmente pelo exemplo, o caminho a ser trilhado na vida. Embora não fosse um homem de posses, proporcionou aos filhos uma vida sem grandes apertos, revelou o filho Marcus Vinícius Arantes na biografia que escreveu de seu pai.

Em Piumhi, Homero não se preocupou somente consigo e com sua família, tinha um coração do tamanho do mundo e sofria ao ver as injustiças sociais que existiam na cidade. Caridoso e gentil por natureza conseguiu, com seu espírito empreendedor, lutar por melhorias na cidade. Na década de 1950, empreendeu, com mais três companheiros (Chico Machado, Heitor Hostalácio e Mãozinho), a fundação e manutenção do Ginásio de Piumhi S/A, uma cooperativa que promovia a arrecadação de fundos tendo em vista a construção de um ginásio (nome que se dava para escola que oferecia os anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio). A entidade iniciou a construção do prédio, mas não conseguiu alcançar o objetivo final. No entanto, esses passos iniciais foram de fundamental importância para que, posteriormente, o padre Alberico de Souza Santos pudesse concluir a obra, entregando à cidade aquela que seria a Escola Estadual "Professor João Menezes".

O seu grande legado foi a sua determinante participação na construção da atual sede da Santa Casa de Misericórdia de Piumhi, realizada na época de sua provedoria. Tão grande e complexa obra exigia a coordenação de alguém como Homero: uma mente brilhante e sensata, uma personalidade dinâmica e empreendedora, aliada à capacidade de liderar e aglutinar em torno de si, cidadãos colaborado-

ACERVO DO AUTOR



Homero Arantes, o ator, em sua célebre interpretação da peça teatral *As Mãos de Eurídice*

res verdadeiramente comprometidos com o objetivo.

Iniciada no final da década de 1970, a obra se estendeu até 1988, quando foi oficialmente inaugurada. O curioso é que maior parte da construção desse gigantesco edifício foi realizado com as doações do povo piumhiense, por meio de campanhas organizadas e coordenadas pelo próprio Homero, auxiliado por uma equipe de companheiros. Diante de todas essas conquistas, Dona Therezinha sempre se manteve ao lado do esposo, não só como incentivadora, mas também com participação decisiva nos empreendimentos. No caso da Santa Casa, coube a ela costurar toda a roupa de cama que seria utilizada pela instituição. Piumhi tem uma eterna e impagável dívida de gratidão a Homero Arantes, que tudo isso fez sem querer absolutamente nada em troca, a não ser a melhoria na qualidade de vida de seus contemporâneos e o desenvolvimento dessa terra que sempre amou.

Depois de ter cumprido com coroado êxito a sua missão terrena, Homero Arantes faleceu em Piumhi, em 2 outubro de 1994, aos 81 anos de idade. Dona Therezinha, viúva, depois de 52 anos de casados, com a saúde debilitada -- abatida pelo sofrimento do marido -- havia partido um mês e 13 dias dias antes do falecimento do marido, em 20 de agosto de 1994.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

Um dos maiores progressistas na Piumhi do início do século 20

Empresário, investidor e o último provedor na primeira fase da Santa Casa

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Hoje conhiceremos a história de José Alves Terra, conhecido como Zé Terra. Um dos maiores progressistas e empreendedores de Piumhi, na primeira metade do século XX. Também se envolveu em muitas causas sociais de interesse coletivo da municipalidade. A história desse personagem começa com o casamento do advogado Dr. José Feliciano da Costa Terra e de Emília Theodora de Almeida, realizado em Piumhi, em 6 de junho de 1889. O casal permaneceu menos de cinco anos casado, pois Dr. José Feliciano faleceu, aos 29 anos, em 21 de dezembro de 1894, vítima de uma tuberculose. Eles tiveram três filhos: José Alves Terra, nascido em Piumhi, no ano de 1890, Grijalva Alves Terra, nascido em 28 de dezembro de 1892, casado em primeiras núpcias com Maria Soares de Melo, em 1916, e, em segundas núpcias, com Laura Soares Faria, falecida em Piumhi no dia 3 de junho de 1954, e Maria Alves Terra, nascida em 1892, falecida com sete dias.

Órfãos de pai, os filhos José, entre os três e quatro anos, e Grijalva, com quase dois anos, foram criados pela mãe que contou com a ajuda do cunhado, Antônio Theodorico Alves. Viúva aos 23 anos, dona Emília acabou se envolvendo e, posteriormente, casou-se com o cunhado, tendo com ele mais oito filhos. José e Grijalva foram educados conforme o costume da época e tiveram a escolaridade que Piumhi poderia oferecer. A parte que coube a eles da herança do falecido pai era administrada por um Curador nomeado pelo “Juízo dos Órfãos”.

Muito pouco ou quase nada chegou a eles quando atingiram a maioridade. Zé Terra contava que calçou a sua primeira botina aos nove anos de idade, comprada com recursos de seu próprio trabalho. Entretanto, ambos herdaram a inteligência do pai que os tornaria, na idade adulta, verdadeiros empreendedores e pilares do desenvolvimento industrial e comercial de nosso município.

Na sua juventude, aos dezenove anos, Zé Terra decidiu constituir a sua própria família, casando-se com Maria Soares Moura, em 20 de agosto de 1909. O matrimônio foi celebrado pelo vigário Chico Goulart e teve como testemunhas Plácido Soares Ferreira e Antônio Ferreira de Melo. O casal teve cinco filhos que chegaram à idade adulta: José de Moura Terra, Emilia Moura Terra (Santos), Balthazar Moura Terra, Edgar Terra e Rubens Terra, esse falecido precocemente.

Ainda jovem, aos 37 anos, ficou viúvo. Dizem que era muito bem apresentado e considerado bom partido. Demorou poucos meses para arranjar outro casamento. Casou-se novamente em 5 de junho de 1927, com Melvira Mota Mourão, natural de Piumhi, 17 anos de idade, filha de José Justiniano da Mota e Maria de Freitas Mourão. O pai de dona Melvira, desejando dar



ACERVO DO AUTOR

Zé Terra, órfão aos 3, casado aos 19, viúvo aos 37

à filha, quando pequena, um par de sapatinhos, pediu a filha que fosse à loja de Zé Terra, com um de seus irmãos mais velhos para fazer experimentação do artigo a ser comprado. Zé Terra, vinte anos mais velho do que ela, colocou-a sentada no balcão e calçou nela os sapatos e disse brincando: “*Ficou muito bonitinho, a partir de hoje você será minha namorada*”. Talvez nunca imaginasse que um dia acabaria se casando com ela de verdade.

Dona Terezinha explicou que sua mãe, Melvira, adorava contar essa história, rindo muito. O casal teve cinco filhos: Orestes Terra, Terezinha Terra Alves, José Messias, Vander Terra, Luciano Terra e Lúcia Maria Terra.

Na próxima edição seguimos com o resgate da história de vida de Zé Terra.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

‘À frente de seu tempo, empreendedor, caridoso’

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Na semana passada tivemos a oportunidade de conhecer as origens genealógicas e a construção de sua família, hoje dedicaremos algumas linhas ao José Alves Terra empresário. Paralelamente à constituição de sua numerosa família, Zé Terra foi um grande empreendedor. Conseguiu, à custa de muito esforço e trabalho honesto, conquistar grande patrimônio. No entanto, não soube conservar muito bem o que ganhou. Não por ineficiência administrativa, mas por falta de malícia e excesso de confiança nas pessoas. As constantes mudanças de moedas também foram um fator decisivo para consumir ao longo dos anos o patrimônio construído.

Em 5 de outubro de 1940, José Terra inaugurou seu empreendimento destinado ao beneficiamento de café e arroz, localizado na rua Dom Pedro II. O redator do Alto S. Francisco noticiou a importância do estabelecimento da seguinte forma: “É, naturalmente, um grande melhoramento para o nosso município, rico produtor de café e arroz, além de outros cereais. Fica, assim, a cidade possuindo três importantes máquinas do mesmo gênero, obrigando a que, a elas, convirjam tais produtos, não só deste como dos municípios vizinhos”. A cerimônia de inauguração iniciou-se ao meio dia com a bênção do prédio próprio, das máquinas e casas anexas, tendo como paraninfo o Dr. Oswaldo Soares Machado e Darcy Lourenço, amigos íntimos de José Terra. Após as solenidades, o anfitrião “sempre pródigo em gentilezas e obséquios, fez servir aos seus amigos profuso copo de cerveja”.

Nessa mesma época, era proprietário da loja A Revolução, localizada na rua Armando Viotti, onde hoje está o prédio da Cooperativa Agropecuária de Piumhi. Seu estabelecimento comercial era especializado na venda de fazendas (tecidos), armários, ferragens, chapéus, calçados, vestimentas e relógios, em um anexo

na rua Nossa Senhora do Livramento possuía um armazém. Para superar a concorrência e ajudar os mais pobres, vendia quase tudo a preço de custo, com pequena margem de lucro. Por causa da existência de uma loja com o mesmo nome em uma cidade da região, pediram-lhe para que mudasse o nome e o estabelecimento passou a ser: A Evolução. Zé Terra também foi dono de uma concessionária da Chevrolet, ocasião em que teve um posto de gasolina.

Em novembro de 1940, Zé Terra se envolveu em um grave acidente de trânsito que lhe rendeu a fratura de uma perna. Por sorte, não sofreu maiores complicações. Saindo de sua residência, na rua Getúlio Vargas, após o jantar, em direção ao seu estabelecimento comercial, na rua Armando Viotti, pilotando a sua motocicleta, foi surpreendido por um automóvel que “o atirou à distância de quatro metros, fraturando-lhe a perna. Socorrido imediatamente, recebeu os primeiros curativos na Casa de Saúde S. Rafael, tendo sido transferido para a Santa Casa, de onde era presidente”.

Dona Terezinha Terra Alves, filha de Zé Terra, definiu seu pai como “um homem calado, sistemático, fechado, mas muito honesto, amoroso, atencioso, dava muitos exemplos de ações e provedor das necessidades familiares” -- características típicas dos homens daquela época, sempre educados na rigidez do patriarcado. Entendia seu pai como um homem promissor, à frente de seu tempo, muito empreendedor e também caridoso.

No entanto, a missão social mais importante de sua vida para o município foi assumir a provedoria da Santa Casa de Misericórdia de Piumhi. Em 1939, já estava no cargo, tendo recebido um prédio necessitando de reformas e com algumas dívidas em atraso. Conseguiu organizar as finanças da

ACERVO DO AUTOR



‘Um homem calado, sistemático, fechado, mas muito honesto’, José Alves Terra

instituição e na prestação de contas apresentada em fevereiro de 1940, manifestou que “*todo movimento financeiro da instituição está em boas condições, apesar do elevado movimento de socorro que prestou aos doentes pobres*”. De imediato, dotou a instituição de uma autoclave a querosene, aparelhagem para exames, um microscópio e uma “excelente” mesa operatória. O redator do Alto S. Francisco anotou: “*Esse resultado, que transparece do relatório do provedor sr. José Alves Terra, é uma prova irrefutável do seu esforço, bem como de seus companheiros de administração, pelo melhoramento do nosso único estabelecimento hospitalar de caridade e deixa patente o espírito caridoso do povo*”.

Em maio de 1940, foram inaugurados os novos pavilhões remodelados, sendo o fato comemorado com grandes festividades constituídas da celebração da Missa, reza do terço em procissão pela praça “Vigário José Florêncio”, bênção das instalações hospitalares e apresentação musical da Lira São José.

Na próxima edição seguiremos com o resgate da memória de Zé Terra.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

Empresário e o último provedor da Santa na Casa na primeira fase

O fechamento e a reabertura do hospital em julho de 1968

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

A competência administrativa de Zé Terra e a caridade do povo piumhiense fizeram a instituição fechar com saldo positivo 1939-1940 de seis contos de réis, levando-o à reeleição por diversas vezes. Em 1946, conseguiu firmar parceria com seu amigo e compadre Dr. Oswaldo Soares Machado para dotarem a Santa Casa de um importante melhoramento: “*Está sendo instalado, na Santa Casa de Misericórdia, um aparelho de Raio X, de propriedade particular do renomado clínico Dr. Oswaldo Soares Machado. É o segundo a ser instalado nesta cidade, representando considerável acréscimo às possibilidades médicas locais.*”

Por algum tempo, as contas da instituição permaneceram equilibradas. Devido às sucessivas crises econômicas enfrentadas pelo país a situação financeira da Santa Casa acabou revertendo. Associado a essa questão, devemos somar o aumento do atendimento aos pobres, a diminuição dos rendimentos financeiros, uma vez que os pacientes particulares buscavam assistência em outras instituições, a inexistência de subvenção do governo que, quando havia, era insuficiente. Esses problemas acabaram consumindo as reservas financeiras da instituição e levaram a Santa Casa, rapidamente, ao endividamento. Zé Terra, mantido na função de provedor da instituição, tentou solucionar o problema de todas as formas. Esforço que lhe consumiu tempo, desgaste emocional e físico.

Por muitas vezes, deixou seus negócios pessoais para acudir a instituição e chegou a lançar mão de capital pessoal, mas tudo em vão. Entre 1954 e 1956, a situação estava insustentável e foi agravada com a saída do Dr. Oswaldo Soares Machado que já havia se dedicado mais de 20 anos, quase de forma voluntária na instituição. A decisão de Dr. Oswaldo se justificou na sobrecarga de funções e serviços que estava acumulando: direção clínica da Santa Casa e da Casa de Saúde São Francisco da qual era sócio-proprietário, direção política do município e o cansaço físico e mental, decorrentes de suas funções. Portanto, a sua decisão era humanamente comprensível.

Não houve, no município, outro médico que se dispusesse deixar os seus atendimentos particulares para trabalhar quase que gratuitamente na direção clínica da Santa Casa. Assim, Zé Terra estava encerrado, numa situação complicada e complexa. Sem ter o

que fazer, convocou seus companheiros de diretoria e expôs a situação: sem médico e sem dinheiro para contratar outro médico com salário justo, seria impossível manter as portas da Santa Casa abertas. Depois de tentar todas as possibilidades possíveis e impossíveis, não houve outra alternativa senão o fechamento da instituição.

O ano de 1956 marcou consideravelmente a história da saúde piumhiense com tão nefasto acontecimento. Os irmãos remidos da instituição continuaram dando a sua contribuição, que era depositada numa conta poupança. O provedor não se sentia confortável com a situação e perdeu noites de sono para encontrar estratégias para reabrir a Santa Casa, mas parece que nada dava certo. Por inúmeras vezes, aceitou participar de reuniões organizadas por políticos para promover a sua reabertura. Sempre muito receptivo para com todos e disposto a fazer o que fosse necessário para a reabertura da instituição, na maioria das vezes, desiludi-se por se tratar apenas de promessas eleitoreiras sem nenhum avanço concreto, mas nunca perdeu a esperança de ver alcançado o seu objetivo.

Numa última tentativa em torno da causa, Zé Terra recebeu a visita do padre Alberico de Souza Santos, acompanhado de outras pessoas, que manifestaram a intenção da reabertura da Santa Casa e pediram os livros de ata e contábeis da instituição. Os livros permitiriam saber qual caminho tomar para alcançarem o objetivo pretendido. Ele respondeu que os livros solicitados estavam na sede da Santa Casa e que, no dia seguinte poderiam buscá-los. Assim, “a bem da humanidade”, entregou-os ao sacerdote e se colocou à disposição para que as portas da Santa Casa fossem novamente abertas ao povo de Piumhi. Nesse momento da vida, José Alves Terra já estava cansado, sentindo o peso da idade e não se encontrava mais financeiramente bem. No entanto, a sua atitude de apoio à causa deve ser muito louvada, pois outro, em seu lugar, talvez teria dado desfecho diferente para a situação.

Com a posse dos livros, o padre convocou, por intermédio do próprio provedor, Zé Terra, uma Assembleia Geral, sendo aprovado um novo estatuto, com alterações para promover a sua adequação às novas disposições legais e eleita



O antigo prédio da Santa Casa reaberta em 1968

a nova diretoria. No novo regime administrativo, foi criado o cargo de diretor-presidente, sendo eleito o padre Alberico. Zé Terra foi mantido como provedor, por eleição. Como forma de externar o sentimento de gratidão à nobre atitude de Zé Terra, a nova direção da Santa Casa ofereceu um jantar solene na sede da Maçonaria para a família do dedicado benfeitor da instituição.

Depois de muito esforço, contando com apoio de políticos e do próprio povo de Piumhi, sob a liderança do padre Alberico, conseguiu-se reabrir a instituição. Zé Terra estava presente na reabertura, ocorrida, oficialmente, em 20 de julho de 1968, depois de quase 12 anos fechada.

Acreditando ter feito a coisa certa, mesmo que suas decisões o fizessem perder antigas e importantes amizades, sentiu-se aliviado do peso da responsabilidade de ter sido forçado, contra a sua vontade pessoal, a proceder o fechamento da Santa Casa. Vê-la reaberta, bem como o sentimento de tristeza em ter que vender a sua última casa, fechou um ciclo de sua vida. Aos 79 anos de idade, Zé Terra faleceu em Piumhi, em 21 de maio de 1969, quase um ano depois da sonhada reabertura da Santa Casa. Foi sepultado no Cemitério da Saudade em Piumhi. O jornal Alto S. Francisco, em tímida nota, comunicou: “Faleceu dia 21 do corrente, o sr. José Alves Terra (Zé Terra), pessoa muito estimada em nossa cidade, onde seu falecimento foi causa de profundo pesar”. Dona Melvira Terra, sobreviveu ao falecido marido até 2 de maio de 2002, quando faleceu em Piumhi.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

Um homem que viveu para a caridade: José Ourives

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Nasceu em Pedra do Indaiá, no ano de 1900, filho de Getúlio Gonçalves Chaves e de Ana Laurina de Jesus. De sua terra natal, migrou-se para o arraial do Aterrado, que depois se transformaria na cidade de Luz, onde viveu por algum tempo. Iniciou a sua vida de caridade naquela cidade ao ingressar na Conferência Vicentina de Nossa Senhora de Lourdes.

Ainda jovem, migrou para Piumhi, na década de 1920. Caracterizado por Ovídio Arantes de Melo como “Alto, magro e pobre [...]. Foi o grande presidente que a SSVP teve em Piumhi [...]. Sério, pouco sorria, exigente, cultivava uma fé inabalável e uma caridade de que impressionavam. Todos os pobres tinham no confrade José Ourives, um pai.” Tinha uma pequena oficina onde trabalhava com consertos de relógios e objetos de ourives, daí o apelido “José Ourives”. Além dos reparos, vendia também relógios e objetos de ouro. É desse trabalho que extraía o sustento para a sua numerosa família, constituída com a sua esposa Diolina Senhorinha de Jesus.

De uma publicidade publicada no jornal Alto S. Francisco, extraímos as seguintes informações: “Oficina de Ourives de José Gonçalves Sobrinho - Executa qualquer trabalho de ouro ou prata. Conserta-se também máquinas de costura, armas de fogo e todos os maquinismos de média menor. Especialidade em consertos de relógios de bolso, de parede, de pulso etc., empregando material novo, de primeira qualidade, adquirido diretamente do Rio e S. Paulo. Purifica e lamina ouro para ser empregado em arte dentária. Atende com prontidão. Seriedade absoluta. Preços módicos. Compra ouro e prata, pagando pelos melhores preços. Piumhi - Praça do Rosário - Minas”.

Exerceu com rigidez o cargo de Delegado de Polícia de Piumhi e impedia que os menores permanecessem na rua após as 22 horas,

com uma vigilância constante na zona boêmia da cidade, antro de onde irradiava a maior parte dos conflitos e confusões da época. Religioso por índole, conclamava todos à oração e à participação na Eucaristia.

No início de julho de 1936, José Ourives assumiu a presidência da Sociedade São Vicente de Paulo de Piumhi (SSVP). Nessa função, pôde acompanhar mais de perto a realidade da pobreza piumhiense a qual já conhecia. Com auxílio de vários colaboradores, muito fez para aliviar o sofrimento dos doentes e pobres de nossa cidade.

Apesar de sua simplicidade e humildade, revelou-se grande líder e administrador da instituição. Foi o presidente que por mais tempo ficou no comando da SSVP. Foram quase 20 anos de inteira dedicação e muita disposição para o trabalho, permanecendo no cargo até sua doença o afastar do convívio social, em junho de 1956, quando foi sucedido por Bernardino Polcaro.

Suas realizações de realce, à frente da SSVP-Piumhi, foram muitas. Podem-se destacar: a demolição do antigo asilo, uma construção em formato de um galpão; a construção de 42 casinhas da Vila Vicentina, mais conforto e privacidade para os assistidos; a construção do pavilhão e do prédio do Aprendizado de Frederico Ozanam e o aumento do patrimônio da SSVP. Além dos muitos legados importantes de doação em favor dos pobres e da sua dedicação a nobre causa, destacamos sua ação de estímulo e encorajamento aos seus companheiros de instituição para a prá-

ACERVO DO AUTOR



Zé Ourives: uma vida dedicada à pobreza de Piumhi

tica da caridade e da oração. Organizou e fundou a “Congregação Mariana dos Moços Católicos de Piumhi”, sendo seu presidente e chegou a contar com mais de 100 membros, uniformizados e participativos.

José Ourives entregou sua alma a Deus no dia 23 de agosto de 1959. Seu velório foi realizado na sua residência, na rua Armando Viotti, sendo o cortejo do sepultamento acompanhado pelos pobres da cidade que choravam a perda do benfeitor. Ao seguir para o Cemitério da Saudade, o séquito passou pelo lugar que mais amava: a Vila Vicentina.

Em reconhecimento ao trabalho e legado deixado por José Ourives para a comunidade piumhiense, a Câmara Municipal de Piumhi aprovou a resolução nº 3, de 23 de novembro de 1972, que dava o nome José Gonçalves Sobrinho a uma rua da cidade. A escolha da rua não foi aleatória: seu nome foi colocado na via que dava acesso ao Córrego da Porteira, considerado então o lugar mais pobre da cidade.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

JOSÉ SOARES DE OLIVEIRA SOBRINHO: ZÉ SEVERINO OU BANDEIRANTE

Um dos vereadores mais atuantes na história da Câmara de Piumhi

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

José Soares de Oliveira Sobrinho nasceu numa fazenda localizada na região da Mata das Capoeiras, município de Piumhi no dia 25 de dezembro de 1908. Seus pais eram Severino Rodrigues da Costa e dona Tomázia Soares de Oliveira. A família se completava com os irmãos: José, Anna, Ignésia, Amélia, João, ele, Marieta, Geraldo e Regina. Ele ocupava a sexta posição na irmandade. Em razão de ser homônimo de seu tio materno, José Soares de Oliveira, ganhou o sobrenome especial “Sobrinho”, o que impediria confusões e equívocos. Por causa, do nome de seu pai, Severino, muitas pessoas o conheceu com “Zé Severino”, em razão disso seus descendentes até hoje ostentam essa alcunha, alguns com a incorporação do sobrenome, outros como apelido.

Zé Severino nasceu no meio rural e foi nesse mesmo ambiente que foi educado e aprendeu a extrair o sustento. Não teve oportunidade de estudo, mas era uma pessoa muito curiosa e gostava muito de se manter informado. Assim, aprendeu três coisas, consideradas muito importantes na época de sua juventude: ler, escrever e dirigir. Não teve formação acadêmica, mas aprendeu muito na escola vida. Depois de muito trabalho conseguiu comprar um caminhão, com o qual fazia “linhas de leite” de muitas fazendas do município. Na porta de seu veículo de transporte estava pintado: “Bandeirante”, razão pela qual muitos o conheciam como Bandeirante.

Aos 24 anos, Bandeirante se casou com Amélia Costa, em 13 de outubro de 1928. Ela piumhiense, 19 anos, filha de Modesto José de Oliveira e Dejanira Maria de Souza. O casal teve os filhos: José Severino (Bebém), Severino José Soares (Coco), Maria Auxiliadora Rocha, Aparecida Neves Costa, Conceição Tomázia da Silva e Antônio Longuinho da Costa. Como pai, Zé Severino mostrou-se rígido com o necessário, mas ao mesmo tempo foi amoroso e afetuoso com seus filhos e esposa.

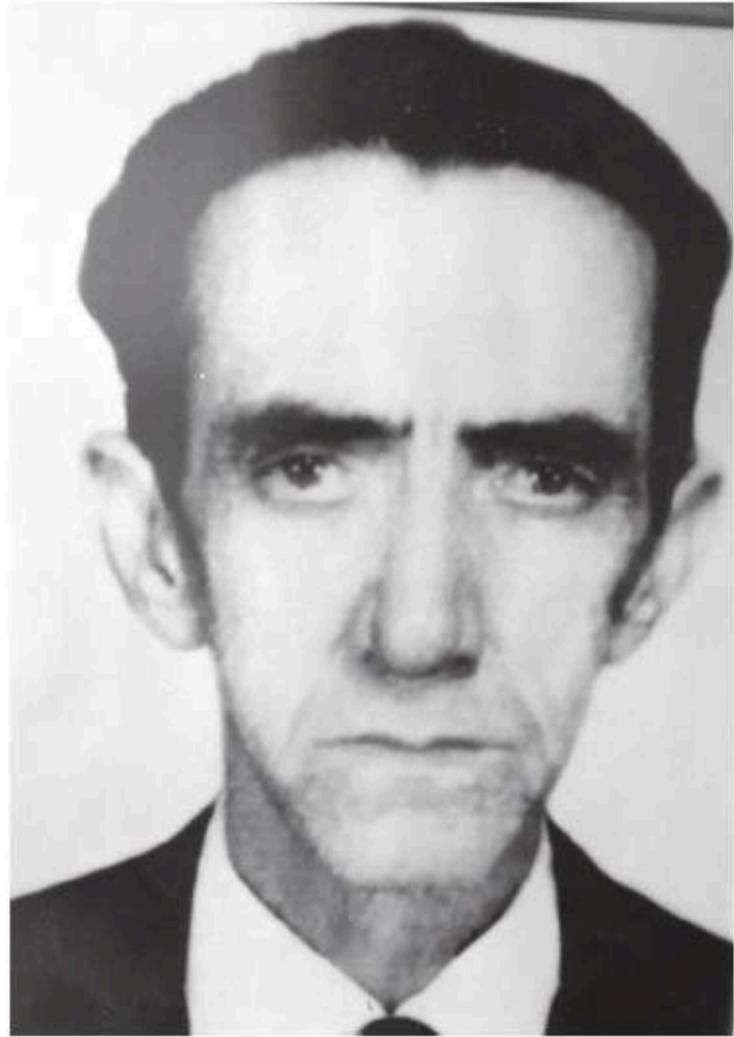
As constantes idas e vindas entre o meio rural e a cidade, transformou Bandeirante numa pessoa muito conhecida e querida em toda cidade. Diante de sua popularidade não demorou muito para que as lideranças políticas das décadas de 1940 e seguintes o conduzisse ao jogo político de Piumhi. Sua primeira experiência eleitoral ocorreu na eleição de 23 de novembro de 1947. Tomou gosto pela política se tornando hábil cabo e eleitoral e se elegendo como vereador da Câmara Municipal em muitas gestões entre 1947 a 1976. É considerado

um dos vereadores mais atuantes de Piumhi. Na época comentavam que ele havia “adquirido estabilidade na Câmara”. Como membro da Casa Legislativa de Piumhi procurou auxiliar os menos favorecidos, empreender esforços para os melhoramentos da cidade e acima de tudo defender os anseios e preocupações da população rural. Na Câmara ocupou importantes cargos na mesa diretora, dentre os quais como presidente em exercício em algumas sessões ante a ausência do presidente titular, vez que era vice-presidente.

Como cabo eleitoral “passava horas e dias em campanhas políticas no meio rural”. Pode-se dizer que a política tornou-se uma verdadeira paixão na sua vida, paixão esta que o acompanhou até os seus últimos dias de vida. Inicialmente foi ligado ao PSD (Partido Social Democracia) e depois de 1969 como a extinção daquele partido passou a defender a ARENA (Aliança Renovadora Nacional).

Possuía extenso círculo de amizades e porque não dizer que era uma das personagens mais estimadas da cidade na época em que viveu. Nunca deixou Piumhi, mesmo após a transferência de sua família para Belo Horizonte, onde só ia de quando em vez. Aqui teve

ÁLBUM DO AUTOR



Bandeirante; uma verdadeira paixão pela política

a oportunidade de participar de cada um dos momentos importantes da vida municipal, fato que o enchia de orgulho e satisfação.

Depois de muito contribuir para a melhoria de nossa cidade, foi sentido o peso da idade e da saúde abalada: “já não era o Zé Severino de antigamente”, certa vez comentou um de seus filhos. Já dava sinais de esgotamento e enfraquecimento. Nos meses finais de 1976, sua doença agravou muito, sendo levado para Belo Horizonte em busca de tratamento para sua pertinaz moléstia. Todo esforço em vão, o coração do velho Bandeirante parou de bater no dia 7 de dezembro daquele ano. O corpo foi trazido para Piumhi, onde foi velado por centenas de amigos e admiradores. O cortejo saiu acompanhado de mais de cem carros em direção ao Cemitério da Saudade, onde foi sepultado na presença daqueles que foram levar as últimas homenagens ao ilustre piumhiense.

A resolução nº 01/77, assinada pelo então presidente da Câmara, concedeu o nome de José Soares de Oliveira Sobrinho ao “Salão Nobre da Câmara Municipal de Piumhi”, numa justa homenagem aquele que foi um dos parlamentares mais atuantes naquela Casa Legislativa.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

Dos Sepultamentos na Matriz aos do Cemitério da Saudade

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Na quinta, 2 de novembro – Dia de Finados – houve grande comparecimento ao Cemitério da Saudade, ocasião em que muitos piumhienses foram levar suas orações pela memória dos mortos.

Com a formação do arraial, sob o comando dos bandeirantes paulistas, muitas pessoas se fixaram nessa área. E com as constantes descobertas em poucos instantes a povoação estava bastante próspera. Junto com o surgimento do arraial veio a Igreja Católica e fixou no centro do aldeamento uma Capela. O certo é que mortos eram sepultados no seu interior, ou por ser pequena nos seus arredores.

Com a construção de uma Igreja maior os sepultamentos passaram todos a se realizarem dentro das Igrejas. Como não havia registro a Igreja é quem os fazia nessa época. No entanto, embora a povoação tenha se formado em 1731, só se tem registro no arquivo paroquial a partir de 1816, sendo o primeiro registro de óbito do seguinte teor: “Manoel – Aos dezessete de Abril de Mil oitocentos e dezesseis se deu o sepultamento dentro dessa Matriz a Manoel inocente filho legítimo de Joaquim Antônio da Silva e Escolástica Francisca Gondinho, cujo foi encomendado por mim e para constar fiz esse assento que assino. O Vigário José Severino Ribeiro”. Com o passar do tempo o adro da Igreja foi usado como cemitério, uma vez que a quantidade de sepultamento era maior que o espaço que a Igreja oferecia.

Além dos sepultamentos que eram feitos no interior da Matriz de Piumhi e em seu adro havia alguns poucos cemitérios espalhados pela zona rural e arraiais da paróquia, como do “Seminário da Matta”, que funcionava desde os idos de 22 de setembro de 1816 e o “Seminário da Bocaína” (Pimenta), desde julho de 1817. Pouco depois iniciaram os sepultamentos feitos no interior das capelas de São Roque e São João Batista do Glória, o que também pode ser comprovado pelos livros de óbitos da Paróquia de Nossa Senhora do Livramento.

Segundo Oscar Alves Rocha o cemitério eclesiástico foi construído pelos padres Balbonios, em 1828. Mas nesse ano os sepultamentos continuaram a ser feitos no interior e no adro da Matriz. Já Dom Manoel Nunes Coelho, em *O Bispo de Aterrado*, explica como melhor exatidão: “O território da paróquia possui dois cemitérios, sendo o 1º, o mais antigo, ereto em 1852 e interditado em 1932 pelo Vigário Bernardo Fernandes Nogueira, de pleno acordo com o prefeito da época, Dr. João Alberto da Fonseca e com a devida autorização do Exmo. Sr. Bispo Diocesano (...)”. Os livros de óbitos da paróquia não determinam com exatidão a data de construção do cemitério eclesiástico, nem mesmo cita que o sepultamento fora realizado em um cemitério. Há apenas a palavra “sepultou-se a” e a até 1840 ainda havia sepultamento dentro da Matriz.

A primeira religião a se estabelecer em nossa cidade além da católica foi a “Presbiteriana”, que se instalou aqui nos fins do século XIX e início do século XX. Apesar da resistência de católicos radicais, a situação se agravou quando os adeptos de João Calvino começaram a morrer. Surgiu um problema explicado com as palavras de Jorge Lasmar: “(...) Esse cemitério, chamado dos “protestantes”, numa das saídas

da cidade, as “Pindahibas”, data de 1904. A Igreja não permitia o sepultamento dos protestantes no cemitério de sua propriedade e, se não me falha a memória, tinha 12 anos, quando foi procedida sua benção, uma parte no ângulo esquerdo, não recebeu a água benta, tornando-se espaço reservado para sepultamentos dos protestantes (...). A não permissão dos sepultamentos de corpos dos “protestantes” no cemitério eclesiástico, segundo algumas pessoas foi um dos principais motivos da interdição do cemitério antigo. Outros fatos que justificaram a atitude: a questão da saúde pública, pois o cemitério estava localizado no centro da cidade.

Oscar Alves Rocha determina como ano da construção do “Cemitério das Pindahibas”, o ano de 1904, tal como Jorge Lasmar, mas como os protestantes eram a minoria e poucos eram os sepultamentos realizados no novo cemitério, enquanto que os católicos exigiam serem sepultados no cemitério eclesiástico. José Cristóvão de Lima em seus escritos anotou que: “(...) Em 1930, a 20 de setembro, pela lei Municipal nº 528, a Prefeitura Municipal de Piumhi, adquiriu da Igreja, por cessão os direitos sobre o patrimônio de Nossa Senhora do Livramento, inclusive o cemitério eclesiástico pelo preço de 30 contos de réis (30.000.000), isto se deu na administração do Prefeito Dr. João Alberto da Fonseca, o que fez o cemitério denominado Saudade. Em 1932 fez-se



Os restos mortais recolhidos no velho cemitério foram acondicionados ao Ossário da Saudade em 1938

a inauguração sepultando o corpo de dona Olinda Gonçalves da Paz (...). Mas o velho cemitério só foi interditado aos 22 de setembro de 1932, quando os sepultamentos passaram a ser feito exclusivamente no Cemitério da Saudade. Em 1938 foram autorizadas as exumações e transladações dos restos mortais que ainda estavam no antigo cemitério para o novo. As famílias que não reconstruíram os túmulos, tiveram os restos mortais de seus entes depositados num ossuário coletivo. Já os que estavam sepultados na terra, continuam repousando o sono eterno nos terrenos do Cemitério Eclesiástico, hoje ocupado por prédios públicos e residências. Em Piumhi até morrer era complicado...

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

SEGURANÇA ALIMENTAR

Piumhienses participam de lançamento da Rede de Bancos de Alimentos

Na quarta, 18, a secretaria de Assistência Social, Kátia Regina Faria Costa e o diretor do Departamento Municipal de Assistência Social, Maikon José da Costa estiveram em Divinópolis para o lançamento da Rede Mineira de Bancos de Alimentos, reunindo representantes de 22 municípios. A proposta busca promover a colaboração e a partilha de conhecimento entre diversas redes e Bancos de Alimentos, com foco em ações institucionais. Minas Gerais é considerada referência em Segurança Alimentar, tornando-se o estado pioneiro na criação de uma rede estadual integrando bancos de alimentos.

Na programação do encontro, reunião conjunta das redes metropolitana (REBA-RMBH) e das regiões Centro-Oeste e Sul (Rede BARCOS-MG) realizada na sede do Banco de Alimentos de Divinópolis pela manhã. À tarde, no Auditório da FIEMG aconteceu o Ato Solene da Criação da Rede Mineira de Bancos de Alimentos (RMGBA), com a participação ainda de coordenadores da SEDESE, SESC-BH, Ceasa Minas e do CONSEA-MG.

A RMGBA foi idealizada e planejada durante o Seminário

Mineiro de Bancos de Alimentos, realizado em Belo Horizonte em novembro de 2022. Seu propósito é fomentar a troca de experiências e conhecimento na esfera da ação institucional, promovendo o diálogo federativo e evitando a necessidade de repasses financeiros entre as partes envolvidas. A iniciativa em o respaldo do Governo Federal, por meio da Coordenação Geral dos Equipamentos Públicos (CGEP) do Ministério de Desenvolvimento Social, e do Governo Estadual, representado pela Secretaria de Estado de Trabalho e Desenvolvimento Social (SEDESE). Ambos buscam ampliar parcerias com o objetivo de combater o desperdício, a fome e promover a segurança alimentar e nutricional.

Na gestão durante o biênio 2023-2024, a Rede Mineira de Bancos de Alimentos terá Anuar Teodoro Alves, do Banco de Alimentos de Formiga, como coordenador e Jordan Lima Amorim da Silva, do Banco de Alimentos de Sabará, como vice-coordenador.

Em Piumhi foi recentemente promulgada a Lei 2714/23, estabelecendo diretrizes para a elaboração do Plano Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional.

Queda do assoalho da Matriz antecipa inauguração em 1907

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

A origem do ‘Hospital de Misericórdia de Piumhi’ remonta o princípio do século XX, quando chegou em Piumhi o médico Dr. Antônio Avelino Dias de Queiroz. Antes desse personagem ímpar na história de nosso município, os piumhienses tinham as suas enfermidades tratadas por chás e remédios caseiros e contavam com algumas farmácias onde eram manipulados alguns medicamentos. Muitos não contavam com a sorte de se verem curados e precocemente encontravam com a morte. Logo após a sua chegada, Dr. Avelino já denunciava a necessidade de um hospital em Piumhi, mas sozinho e sem apoio nada pode fazer.

Em abril 1901, algumas lideranças piumhienses, compadecidas com o sofrimento alheio, decidiam sob a coordenação do Major Cândido Prado fundar a Sociedade São Vicente de Paulo em Piumhi. O Dr. Avelino de Queiroz tomou parte no grupo e denunciou a necessidade do hospital na cidade. O grupo aceitou a proposta e foi iniciada uma campanha, mas muito pouco foi conseguido.

Em 2 de julho de 1905, ainda sob a liderança do Dr. Avelino de Queiroz, foi fundada a Irmandade da Hospital de Misericórdia de Piumhi, cujo objetivo era agilizar a implementação de uma unidade hospitalar. Os fundadores da Irmandade eram: Dr. Avelino de Queiroz, Dr. José Nogueira de Sá, Dr. Joaquim A. de Oliveira Santos, Vigário Francisco Goulart, Joaquim César Augusto Maia, Amâncio Ernesto Cassini, José Soares de Oliveira, João Pedro Rezende, Francisco Soares Ferreira, Misael Júlio Ferreira, Joaquim Júlio Ferreira Sobrinho, Justino Justiniano da Mota, Francisco Leonel da Silva, Antônio Agresta, Belisário Moreira Guimarães, Francisco Terra, Pedro Bueno, Plácido Soares Ferreira, Domiciano Soares Ferreira, Felisberto de Freitas Mourão, Artur Rezende Terra, Joaquim Hostácio e Vigilato José de Moura. Com o passar do tempo outras personalidades foram aderindo ao movimento. O grupo buscou a canalização de recursos para alcançarem o objetivo.

A ajuda mais importante teve origem na doação do patrimônio do Furriel Anthero Vieira dos Santos, assassinado em 24 de



O antigo casarão da Dr. Higino 'berço' do Hospital Misericórdia em 1907

novembro de 1905 por Clemente Baiano. Foi com a doação do Furriel Anthero, associada a outras de menor monta, é que se adquiriu o antigo casarão da rua Dr. Higino, construída pelo padre Luís Machado de Castro, comprado pelo valor de 3000\$700 (3 contos e 700 mil réis). A escritura do foi passada em 26 de outubro de 1905, passando o hospital a possuir sede própria, que ainda precisava passar por adaptações para servir a suas finalidades. Mas como o casarão estava em mal estado precisava de uma reforma e como todos os recursos foram utilizados na compra, a inauguração do hospital precisava esperar novas doações.

Em março de 1907 já era esperada a chegada da mobília do hospital e o serviço de reforma realizado pelo pedreiro italiano Luiz Farinelli já estava quase concluído. Entretanto na ata da seção ordinária seguinte, realizada aos 1º de abril de 1907, está registrado que “*Resolveu a casa que se desse por inaugurado o hospital, em vista dos acontecimentos do dia 29 de março p., ficando o irmão Vigário Goulart encarregado de fazer a solenidade da bênção Casa no dia 3 de maio próximo futuro*”. Os acontecimentos foram acarretados pela queda do assoalho da Matriz em vista da aglomeração de pessoas em razão das festividades da Sexta-feira Santa que ocasionou pânico e muitos feridos antecipando a inauguração do hospital.

Contando com intímeras doações dos credores do espólio do Vigário José Florêncio Rodrigues, o hospital adquiriu em 12 de julho de 1911 por hasta pública o casarão que pertenceu ao falecido padre. Era preciso novas reformas para adaptar o prédio para atender as necessidades.

No ano de 1956, as dificuldades financeiras fizeram a tradicional instituição de saúde fechar suas portas. Questões políticas também influenciaram no fechamento da unidade hospitalar. Somente no ano de 1968 graças aos esforços do Padre Alberico de Souza Santos auxiliado por diversos piumhienses a instituição foi reaberta com o nome de Santa Casa de Misericórdia de Piumhi, denominação atual. A direção clínica foi entregue ao Dr. Itamar Lopes da Cunha. O padre Alberico ocupou o cargo de provedoria até o seu falecimento em abril de 1976, sendo substituído interinamente pela Dona Maria Serafina de Freitas que convocou a Assembleia Geral que resultou na eleição do saudoso Homero Arantes como provedor.

Homero Arantes revelou-se grande batalhador em prol da instituição, sendo responsável pela coordenação da edificação da sua nova sede. Em agosto de 1976 foi lançada a campanha do tijolo para a construção daquele prédio. Após 9 anos de lutas e batalhas, em 20 de julho de 1988, vinte anos depois de sua reabertura, seria inaugurado oficialmente o novo complexo operacional da Santa Casa de Misericórdia de Piumhi.

É incalculável a contribuição que a instituição ofereceu à sociedade piumhiense nesses 116 anos de existência. É de se imaginar quantas vidas foram salvas, quanto sofrimento foi aliviado, quantas cirurgias e partos foram realizados... Nossa gratidão a todos esses personagens que não mediram esforços para a existência e sobrevivência dessa importante instituição.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

Fazendeiro, prefeito, empreendedor de grande intuição administrativa

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

José Necá da Costa nasceu em Piumhi, num lugar denominado Mata dos Santos, em 14 de julho de 1907. Filho de Manoel Soares Tinóco e Ana Arminda da Costa. Era autodidata, pois nunca frequentou uma escola regular. Teve aulas com professores particulares que lecionavam pelas fazendas. No entanto, a vida compensou a falta de escolaridade com um conhecimento e inteligência fora do comum. Sabia como ninguém solucionar, de forma rápida e eficiente, os problemas que lhe surgiam pela frente. Foi criado pelos pais na fazenda e assumiu o peso da responsabilidade desde a tenra idade. Desde menino, já sabia lidar com bois. Educado no meio rural, adotou as profissões de fazendeiro e boiadeiro, pois sabia como ninguém cuidar de um rebanho e fazê-lo multiplicar de forma rápida a baixo custo. Conseguiu construir grande patrimônio à custa de muito trabalho e dedicação.

Aos 22 anos, casou-se em Piumhi, no dia 11 de dezembro de 1929, com Aristina Soares, na presença do padre Bernardo Fernandes Nogueira e das testemunhas Natalino Camilo da Costa e Vicente Camilo da Costa. Ela era também natural da Mata dos Santos, tinha 18 anos de idade e era filha de Modesto Camilo da Costa e Emilia Soares Arantes. Uma curiosidade no registro do casamento consta "José Manoel da Costa" e não José Necá.

Em meados da década de 1940, auxiliou alguns amigos na fundação do Partido da Social Democracia em Piumhi (PSD), do qual se tornou uma peça importante e respeitada. Desejava participar da política de forma coadjuvante, mas seus pares sempre lhe impunham um papel mais graduado. Sua primeira experiência eleitoral se deu no pleito de 1947, quando seu nome foi lançado ao cargo de vice-prefeito de Piumhi, mas se viu derrotado por Clóvis Couto com uma diferença de apenas 169 votos. Como experiência não havia sido positiva, tentou fugir mais uma vez do centro político, conseguindo seu intento na eleição de 1950. Na eleição seguinte, realizada em 1954, a convenção do seu partido impôs-lhe a responsabilidade de disputar o cargo majoritário da cidade: o de prefeito. Mais uma vez José Necá se viu derrotado, dessa vez pelo Dr. Oswaldo Soares Machado.

Lentamente, seus aliados políticos o convenciam de que ele era o candidato ideal para disputar as eleições de 1958. Alegavam que era conhecido, respeitado e, acima de tudo, honesto e dono de uma reputação ilibada, requisitos que certamente, dessa vez, o fariam eleito prefeito de Piumhi. Pressionado por todos os lados, não lhe restou outra alternativa senão aceitar a imposição

da convenção de seu partido. Assim, disputou as eleições contra o também fazendeiro e empreendedor Heitor Ferreira Hostalácio, saindo vitorioso com uma diferença de 650 votos, a maior desde o restabelecimento das eleições diretas para prefeitos. Depois de 12 anos, o PSD conseguiu eleger o seu candidato para o cargo majoritário do município. No início do mandato, encontrou uma prefeitura sem recursos e teve que utilizar os empregados e equipamentos de sua fazenda, e o Jeep que possuía, para executar alguns serviços para a prefeitura na cidade.

Tomou posse como prefeito de Piumhi, no dia 31 de janeiro de 1959, e concluiu seu mandato em 31 de janeiro de 1963. Como prefeito, podemos destacar as principais obras e conquistas de seu governo: início dos serviços de drenagem de uma lagoa que existia na praça Dr. Avelino de Queiroz, abrindo espaço para a construção de inúmeras residências e resolvendo o problema de saúde pública por causa das moscas e pernilongos que se originavam na água parada; promoveu o calçamento de várias ruas da cidade com pedras; promoveu a troca de parte significativa da tubulação de água da cidade; construiu um aterro no Pântano, construindo uma estrada que atravessava a região alagada de lado a lado, permitindo o encurtamento das distâncias e o escoamento da produção agrícola advindos daquela região; foi criado, também pelo estado de Minas Gerais, o terceiro grupo escolar na cidade que recebeu o nome de "Grupo Escolar Professor José Vicente" (hoje Escola Estadual Professor José Vicente) em 25 de setembro de 1962.

O maior legado que José Necá deixou para o futuro dos piumhienses foi construir a rede de esgoto da cidade. Até então, as casas tinham o esgoto canalizado para as fossas. Como existiam também muitas cisternas, as águas se contaminavam com os dejetos das fossas, causando inúmeras doenças e vermes na população. Com a canalização do esgoto, hoje tratado, e com a água que o prefeito Américo Arantes traria do ribeirão Araras, foram sendo desativadas as cisternas, diminuindo consideravelmente a incidência das verminoses e os cidadãos se tornaram mais saudáveis. Piumhi tem hoje uma população praticamente sem a incidência de verminose. Em conversa com uma bioquímica da cidade, ela me disse que nos dias de hoje, quando faz um exame de fezes e identifica

ACERVO DO AUTOR



José Necá ; prefeito de Piumhi (1959/1963)

algum verme, faz questão de conversar com o paciente, cujo material foi examinado e percebe que na maioria dos casos, não se trata de pessoas de Piumhi, mas migrantes vindos do norte de Minas para trabalharem na colheita do café nas lavouras da região. Percebemos que as simples medidas da construção da rede de esgoto e de água potável de qualidade são elementos que garantiriam qualidade de vida e a diminuição dos gastos com saúde pública.

Outro fato interessante que demonstra o quanto José Necá era empreendedor e à frente de seu tempo, foi ter iniciado a instalação de hidrômetros na cidade, já pensando que seria necessário o controle do consumo, para evitar desperdícios, para que a água fosse suficiente para todos.

Infelizmente, essa tentativa se viu malograda, uma vez que, naquela época, a cidade era servida pelas águas do ribeirão do Onça e Magrinhas. Na época das chuvas, as águas que ainda não eram tratadas, chegavam muito sujas de barro e entupiam os hidrômetros. Diante disso, eles foram desativados, somente voltando a ser colocados em todas as residências da cidade, após a criação do SAAE, cuja água, tratada e limpa não entupiria mais os aparelhos. Os hidrômetros foram instalados em todas as casas no mandato do prefeito Dr. João Batista Soares.

Foi também durante o seu mandato que a Assembleia Legislativa de Minas Gerais, graças aos esforços de Joaquim Tomé de Andrade e Frederico Gonçalves Filho, conhecido como Vico, aprovou a lei nº. 2.764, de 30 de dezembro de 1962, pela qual emancipava o distrito de Perobas, com o nome de Doresópolis.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

Fazendeiro, prefeito, empreendedor e grande intuição administrativa

Deixou Piumhi, mas a cidade nunca saiu dele

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Dando sequência à história de José Necá da Costa, cumpre destacar que durante a sua gestão como prefeito, foi construída pelo governo federal de Juscelino Kubitscheck a Usina de Furnas e o lago que a abastece, bem como a transposição do rio Piumhi, da bacia do rio Grande para a bacia do rio São Francisco e a drenagem do Pântano do Cururu. A magnitude da hidrelétrica fascinava alguns pelo progresso que produziria, mas decepcionava outros que perderam as suas propriedades inundadas pelas vorazes águas de Fumas.

José Necá, aliado político e amigo pessoal de JK, via no empreendimento uma grande possibilidade de desenvolvimento para o nosso país. Para registrar a data do fechamento das comportas, em janeiro de 1963, prestes a encerrar o seu mandato, fez construir em Piumhi o ‘Monumento à Furnas’, primeiro marco da cidade que foi erguido em uma praça no Centro e passou a ter a denominação de ‘Praça de Furnas’. No monumento, foi fixada uma placa de bronze com a frase: ‘À Furnas, que traz o progresso para Piumhi e ao Brasil, a homenagem do seu povo’.

Em 1952, apoiou a iniciativa da criação do Piumhi Tênis Clube (PTC) e quatro anos mais tarde, vendeu para a instituição um terreno na praça Dr. Avelino de Queiroz em valor bem abaixo do preço real. Nessa área, seria construída a sede do clube, conforme planta desenhada por Geraldo Sansoni. Mas Guilherme Cassini resolveu vender o

prédio onde funcionava provisoriamente o clube. Assim, optaram por vender o lote e comprar o imóvel que era bem construído e atendia bem às necessidades do clube, além de que ficaria mais barato do que uma nova construção.

José Necá era um homem do campo, simples e modesto que conseguiu, à custa de seus esforços e inteligência, galgar os mais elevados patamares na vida pessoal, profissional e política. Soube aplicar o pouco dinheiro público do município, estabelecendo as prioridades mais urgentes. Ao deixar a Prefeitura, em janeiro de 1963, entregou-a ao candidato que havia recebido o seu apoio político, José Goulart. Em breve, já não haveria mais PSD e UDN. Todos os partidos seriam extintos pelo governo militar, implantado em 31 de março de 1964, e transformados em ARENA (Aliança Renovadora Nacional) e MDB (Movimento Democrático Brasileiro).

Após deixar o cargo de prefeito, estava certo de que encerraria a sua vida de homem público e que se dedicaria integralmente aos seus negócios de pecuarista. Permaneceu em Piumhi por mais dois anos e, após surgir uma interessante proposta, vendeu todas as suas propriedades, mudando-se com sua família para a cidade de Loanda, no Paraná, onde conseguiu comprar vasta extensão



ACERVO DO AUTOR

A draga arranca o último torrão de terra no Pântano do Cururu unindo o rio Piumhi ao rio São Francisco

de terras em preço mais baixo do que as que possuía em Piumhi. Com mais terras de boa qualidade, pôde ampliar a sua produção bovina.

Deixou Piumhi, mas Piumhi nunca saiu dele: sempre se lembrava com saudades dos amigos e da sua terra natal. Esse sentimento fez José Necá visitar a nossa cidade no ano de 1994, aos 88 anos. Durante a sua estadia, ficou hospedado na residência de seu vizinho e sobrinho Fernando Barcelos Costa, onde recebeu a visita de inúmeros amigos e familiares e não deixou de mencionar o seu espanto ao ver o quanto Piumhi mudara durante os anos em que esteve fora.

De volta a Loanda, José Necá sentiu-se satisfeito e feliz por rever Piumhi. Faleceu naquela cidade em 25 de junho de 1997, onde foi sepultado. Com ele, Piumhi construiu boa parte de sua história pecuarista e política. Em sua homenagem, o município cedeu o seu nome ao ‘Residencial José Necá da Costa’, constituído por casas populares, em 2003.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

O pastor presbiteriano que se tornou amigo do padre, ajudou abrir um colégio e deixou vasto legado ecumônico em Piumhi

LUIS AUGUSTO JÚNIO MELO

Márcio Moreira, natural da cidade de Lavras, nasceu em outubro de 1938. Fez os cursos Primário, Ginásial e Científico (atual Ensino Fundamental e Médio) no Instituto Presbiteriano Gammon, em sua cidade natal. Sua educação escolar foi primorosa visto o renome da instituição na qual teve a oportunidade de estudar.

Desde os anos iniciais de sua vida estudantil, revelou grande temor a Deus e passou a nutrir firme propósito para a sua vida: o conhecimento da Palavra e o aprofundamento da fé através da teologia. Assim, sentindo o chamado de Deus para uma missão de pastoreio, mudou-se para a cidade de Campinas, onde ingressou no Seminário para dar continuidade aos seus estudos. Entre 1952 e 1958 cursou teologia, obtendo com a formatura a sonhada missão de pastor.

Como membro do Presbitério Oeste de Minas, da Igreja Presbiteriana do Brasil, foi designado como pastor na cidade de Piumhi. Assumindo o cargo, tomou consciência dos desafios que enfrentaria. Uma cidade relativamente pequena, impregnada de preconceito e intolerância religiosa, cultivados e conservados durante muitos e muitos anos. Quebrar esse distanciamento seria uma missão muito difícil, mas o reverendo Márcio era jovem, dinâmico, tinha uma mente aberta e deu passos importantes para a superação desses pensamentos arcaicos.

O primeiro passo para alcançar o almejado objetivo foi se tornar amigo do padre Alberico de Souza Santos. Havia quem não concordasse com a amizade dos dois, mas ela continuou e foi muito benéfica para Piumhi. Sob o título *Flagrantes*, J. Mineiro, fez publicar no jornal local, Alto S. Francisco, a seguinte nota: "O coro Santa Cecília, da Igreja Católica local, está ensaiando com o coro da Igreja Presbiteriana da nossa cidade, no templo protestante, para a Semana da Comunidade. Vi, há algum tempo, uma notícia assim, de coro católico misturado com protestante na Suécia ou Suíça e, sinceramente, tive uma inveja e não esperava ver tão depressa a mesma coisa no Brasil, e logo na nossa Piumhi! Parabéns ao padre Alberico, ao padre Luiz e ao reverendo Márcio" (ALTO S. FRANCISCO: 20/10/1963).

A união salutar dos dois religiosos foi muito positiva para Piumhi. Iniciava-se um importante trabalho de conscientização para que as divergências fossem superadas, de modo que todos os piumhienses, presbiterianos, católicos ou de ou-

tro credos religiosos pudessem caminhar unidos, lado a lado, congregando forças, para dotar Piumhi de suas principais necessidades.

Até meados da década de 1960, havia em Piumhi o "Colégio Técnico Professor João Machado", de propriedade do professor Theodorico Vieira de Souza. Esse colégio não conseguia atender a demanda de alunos existentes na cidade, ainda que o professor permitisse que muitos alunos estudassem sem pagar, tendo em vista que considerava a educação mais importante do que o lucro. Assim, a cidade tinha a ca-

rência e a necessidade de uma escola ginásial (hoje anos finais do Ensino Fundamental).

Um grupo de maçons iniciou um projeto na década anterior, mas não foi adiante por falta de recursos. A construção paralisada há alguns anos foi transferida para as Obras Sociais da Paróquia de Piumhi. Foi aí que o reverendo Márcio e o padre Alberico, com auxílio de muitas outras pessoas da cidade, uniram forças e concluíram a obra que foi doada ao Estado de Minas Gerais, permitindo que, em março de 1965, fosse aberta a "Escola Normal Oficial de Piumhi", hoje Escola Estadual "Professor João Menezes", considerada uma das maiores escolas da região. O reverendo Márcio Moreira chegou a lecionar Língua Portuguesa e Língua Inglesa na escola, contribuindo grandemente para o seu engrandecimento.

No texto *O Desafio da Educação*, publicado no jornal Alto S. Francisco, pinçamos um pequeno fragmento no qual percebemos o grau de envolvimento do reverendo na causa da implantação do colégio: "A Educação é o melhor presente que os pais podem oferecer aos seus filhos. Se assim é, cada pai que pode, cada tio, cada tia, cada parente, cada cidadão (mesmo que não tenha filhos ou sobrinhos, ou netos etc.) está sendo desafiado a mudar de mentalidade: a lutar contra o egoísmo, a ganância, a avareza e a contribuir com seu dinheiro, com o que pode, para que a dívida de Cr\$ 4.500.000,00 (quatro milhões e quinhentos mil cruzeiros)

Mineiro de Lavras o reverendo Márcio Moreira assumiria em Piumhi no início dos anos 1960



ACERVO DO AUTOR

que o Ginásio tem para com a Caixa Econômica seja liquidada, a fim de que Piumhi seja levantada pelos seus próprios filhos para uma nova era da Educação de seu povo, porque somente um povo educado (esclarecido na verdadeira acepção da palavra), poderá viver em comunidade. Vamos educar os jovens de hoje com o auxílio do nosso dinheiro, de nosso tempo, de nossas aptidões, para libertar a nova geração da mentalidade interesseira, egoísta, em direção a uma mentalidade de serviço a Deus e à comunidade que somos todos nós" (ALTO S. FRANCISCO: 05/12/1965).

Ainda no campo social, o reverendo Márcio e o padre Alberico formaram uma comissão ecumônica que ia de casa em casa para levantar dinheiro que revolucionaria a questão da falta de água no município.

Participou de um evento organizado pela educadora Dona Maria Serafina de Freitas, chamado "Semana da Comunidade" em que diversas autoridades locais eram convidadas para palestrar para um grupo de estudantes. Foi a primeira vez que um pastor da Igreja Presbiteriana foi convidado para participar de um evento dessa natureza e o reverendo aceitou de bom grado, contribuindo muito para o sucesso do evento com a sua iluminada sabedoria. Na próxima edição apresentaremos aos leitores o legado ecumônico deixado em Piumhi e região pelo Reverendo Márcio Moreira.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

MEMÓRIA PIUMHIENSE
REVERENDO MÁRCIO MOREIRA (II)

O pastor presbiteriano que se tornou amigo do padre, ajudou abrir um colégio e deixou vasto legado ecumênico em Piumhi

‘É um privilégio enorme ter vivido aquele período aqui’

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

No campo ecumônico, juntamente com o padre Nivaldo Antônio dos Passos, evangelista Gê Batista Rezende e Bonani Fonseca, reverendo Márcio Moreira foi um dos organizadores de um grande encontro ecumônico realizado na cidade de Pains, entre os dias 9 e 15 de novembro de 1965. O seminário constou de um ciclo de palestras, debates, exposições e atos cênicos sobre temas evangélicos e também a participação do “Coral Católico-Presbiteriano de Piumhi”.

Avaliando o encontro, o próprio reverendo Márcio, no texto *O que viu Pains...*, pontuou: “*Unidade cristã é algo mais profundo: significa que os cristãos desta ou daquela Igreja estão dispostos a viverem melhor os ensinos de Jesus Cristo, e por isso mesmo, não têm medo de se encontrar para o diálogo sincero. Não têm medo de trabalhar conjuntamente a favor da comunidade em que vivem. Estão, enfim, dispostos a confessar as suas divisões, que são um escândalo, e estão prontos a trabalhar pela implantação do Reino de Deus, para que o mundo creia em Jesus Cristo como filho de Deus, Senhor e Salvador da humanidade...*” (ALTO S. FRANCISCO: 21/11/1965).

Leopoldo José de Oliveira, um dos participantes e residente em Pains, em pequeno texto de título *Festa Inédita em Pains* revelou: “*Houve missa e culto protestante na igreja católica, ocasião em o reverendo Márcio Moreira de Piumhi pregou e teve suas palavras apoiadas pelo padre Nivaldo, vigário local. O ponto alto do acontecimento foi o reconhecimento de católicos e protestantes de que: somente através da união é possível trabalhar em favor da causa de Cristo, nesta Terra*” ALTO S. FRANCISCO: 21/11/1965).

Além do trabalho pastoral e social, o reverendo Márcio Moreira emprestou a sua intelectualidade às páginas do jornal Alto S. Francisco com brilhantes artigos. No texto intitulado *Mensagem aos Estudantes* pontuou: “*Assim é a vida, um constante aprendizado, uma constante mudança. Viver significa aprender cada dia algo novo, para que se processe diariamente uma renovação em nosso ser*” (ALTO S. FRANCISCO: 21/02/1965). Na crônica *O Caminho para a Paz*, o reverendo Márcio denuncia as injustiças do mundo e cita a encíclica do papa João XXIII *Paz na Terra*, concluindo: “*Todas estas palavras retiradas da*

Palavra de Deus, a Bíblia, constituem um desafio à comunidade mundial, para que construamos uma civilização mais solidária, onde haja mais justiça, para que reine a Paz” (ALTO S. FRANCISCO: 24/12/1963). O texto *Omissão dos Bons* chama atenção dos que se dizem bons e permitem a injustiça sem nada fazer: “*Aí está o desafio. A todos nós que formamos a Sociedade de Piumhi, ergue-se o clamor de inúmeros delinquentes que estão sendo formados em nossas ruas pela nossa omissão na prática do Bem*” (ALTO S. FRANCISCO: 07/07/1964).

A inspiração divina do reverendo Márcio é tocante, ao ler seus textos escritos há mais de cinquenta anos, percebe-se que são atuais e aplicáveis até os dias de hoje e que a sociedade pouco evoluiu para a construção da justiça, paz e igualdade social por ele muito defendidas. Seus textos eram curtos, objetivos, claros, incisivos e exigiam do leitor um propósito.

Infelizmente, em 1966, o reverendo Márcio Moreira foi transferido pelo Presbitério Oeste de Minas da Igreja Presbiteriana do Brasil para a sua cidade natal, Lavras, onde exerceu o cargo de pastor até o ano de 1969. Os piumhienses presbiterianos e católicos sentiram muito a sua partida. Ele deixou, até hoje, grandes laços de amizade em nossa cidade. O pouco tempo que aqui permaneceu foi suficiente para transformar a mentalidade religiosa e minimizar, de forma gigantesca, o abismo que separava católicos e presbiterianos.

Desejando ampliar ainda mais os seus conhecimentos acadêmicos, em 1969, foi para Belo Horizonte onde assumiu o pastoreio da 2ª Igreja Presbiteriana, localizada no bairro Barro Preto. Aí continuou a sua missão evangélica. Em 1973, casou-se com Helenice Martins, com quem teve três filhos: Paulo Márcio, natural de Piumhi; Marcelo, natural de Lavras e Maurício, natural de Belo Horizonte.

Em 1978, concluiu o curso de Psicologia. De 1989 a 1993, foi pastor missionário em Portugal. Em 1994, retornou ao Brasil e assumiu o pastoreio da cidade paulista de Indaiatuba. Neste mesmo ano, veio a Piumhi para

ACERVO DO AUTOR



Reverendo Márcio Moreira: minimizando o abismo que separava católicos e presbiterianos

receber o título de Cidadão Honório, concedido pela Câmara Municipal de Piumhi, em reconhecimento ao importante legado que deixou em nossa cidade no tempo em que aqui viveu.

Em 1997, depois de uma vida dedicada ao bem da sociedade por onde passou, do exercício pleno da evangelização, do amor à sua família e aos pastoreados coroou a sua trajetória missionária ao assumir o cargo de Pastor Emérito da 2ª Igreja Presbiteriana. Em toda a sua vida de pastor, nunca deixou de lado o diálogo com as demais profissões de fé, prova disso é que por muitos anos foi membro do Conselho Nacional da Igreja Cristã (CONIC).

Em 2014, por ocasião da passagem dos cinquenta anos como pastor, a comunidade Presbiteriana de Piumhi, comandada atualmente pelo pastor Mário Sérgio Diniz dos Santos, prestou solene e bonita homenagem ao reverendo Márcio Moreira. Na oportunidade, o reverendo visitou amigos, ex-alunos e concedeu entrevista ao apresentador do *Piumhi na TV*, Luciano Firmino, na qual relembrou os tempos de sua passagem por nossa cidade: “*É um privilégio enorme ter vivido aquele período aqui*”.

Na verdade, o privilégio foi recíproco em razão dos legados que deixou para Piumhi e para a humanidade, pois começou a construir uma relação ecumênica numa época em que isso parecia impossível. Será eterna a nossa dívida de gratidão para com o reverendo Márcio Moreira. Atualmente, reside em Belo Horizonte.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

Os 100 anos de um dos mais importantes marcos históricos e culturais de nosso município

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

A Lira São José foi fundada em 1º de dezembro de 1923, portanto, há exato um século. Seu fundador foi o entusiasta da música Pedro de Alcântara Veloso. Antes da criação da Lira São José, no início do século XX, havia em Piumhi pelo menos quatro bandas de música. Cada uma delas era comandada pelos seu formador: o italiano Francisco Carrato, Tabelião Ovídio Arantes, Coronel José Flamiano de Freitas e Coronel Carlos Antônio de Alvarenga Machado. Com exceção da banda do Tabelião Ovídio Arantes que tinha a finalidade ser um atrativo ao seu Cinema Mudo, as demais foram formadas em decorrência das rivalidades entre os comerciantes e políticos locais. Apesar das disputas e rivalidades essas bandas muito contribuíram para o desenvolvimento musical de Piumhi.

No entendimento, da saudosa professora de música Hebe Bruno: “certamente essa dispersão de forças e rivalidades resultava em grande prejuízo para a arte, não passando os conjuntos de simples conglomerados sem valor”. Ao perceber esse erro e o prejuízo para a musicalidade piumhiense, Pedrinho Veloso, movido por sua inteligência e amor à arte da música, teve a feliz ideia de unir a maioria dos elementos de melhor qualidade musical das quatro bandas e fundar em 1º de dezembro de 1923 a Lira São José. Passou a dirigir a nova corporação musical com muito zelo e técnica transformando-a numa das melhores corporações da região.

Criada a Lira São José, o seu fundador e Maestro Pedrinho Veloso dedicou-se intensamente ao processo de formação continuada dos músicos, buscando um aprimoramento que beirava a perfeição. Buscou subvenções e realizou campanhas a fim de renovar sempre os equipamentos e instrumentos. No registro fotográfico que ilustra a crônica temos o flagrante de



ALTO ARQUIVO

A Lira São José tendo ao centro o seu fundador maestro Pedrinho Veloso

uma das primeiras formações da Lira São José. Ao centro com a “batuta” de Maestro nas mãos está o fundador da corporação Pedrinho Veloso. Observe também a disciplina na formação e disposição do conjunto para a foto, uniforme impecável e os instrumentos conseguidos mediante muita luta e dedicação do próprio maestro e seus alunos.

Ao longo de sua existência centenária, a Lira São José se apresentou em diversas passagens, festividades e enterros. Destaque muito especial para as retratas realizadas no Jardim Municipal Olegário Maciel (hoje praça Dr. Avelino de Queiroz) que até hoje são lembradas pelos piumhienses mais antigos como um dos exemplos dos melhores momentos culturais de nossa história.

Como já dissemos a criação da Lira São José foi um projeto de Pedro de Alcântara Veloso, o qual só se concretizou porque contou com o apoio de muitos amigos e entusiastas da música. O patrono da instituição era conhecido carinhosamente como Pedrinho Veloso. Era um verdadeiro apaixonado pela arte da música e um artista de inúmeras qualidades.

Pedrinho Veloso nasceu na cidade vizinha de Pains, no dia 22 de janeiro de 1896. Era um dos filhos da numerosa família de João Pedro Vieira e dona Cornélia Veloso. Viveu a infância em sua terra natal, onde desenvolveu

o gosto pela arte da música. Ainda em Pains, em 29 de agosto de 1914 se casou com Maria Portela Veloso, dando origem a uma numerosa família de 13 filhos.

Em 1916 mudou para Piumhi para trabalhar, mas depois de algum tempo retornou à Pains. Somente em 1919 mudou-se definitivamente para Piumhi, a fim de trabalhar como balconista e escriturário da loja do italiano Francisco Carrato. Muito inteligente e autodidata conseguiu a custas de suas capacidades e qualidades tornar-se funcionário público municipal, revelando-se exemplar e dedicado profissional. Foi nomeado prefeito municipal de Piumhi em 1948. Em toda a sua trajetória de vida sempre se revelou um homem honesto, querido e estimado por todos.

No ano de 1923, Pedrinho Veloso idealizou a fundação da Lira São José, uma Corporação Musical que pudesse congregar os amantes de arte, bem como estimular o gosto pela música e ensinar os que tinham aptidão revelando grandes talentos musicais. Na Lira, tornou-se maestro e professor ensinando a música para várias gerações de piumhienses. Morreu em 9 de maio de 1953, deixando como legado a Lira São José e uma infinidade de composições musicais. Centenária, a Lira São José é hoje um dos mais importantes patrimônios históricos e culturais de nosso município.

Ao longo dessa jornada, foram muitas conquistas, assim como as dificuldades, mas tudo contornado com muita alegria, disposição e musicalidade. Hoje a Lira é presidida por Vânia da Consolação Soares Costa que assim como o fundador continua não medindo esforços para alcançar importantes melhoramentos. Recentemente, a sede foi reformada e para as comemorações do centenário da instituição foi criado o “Memorial Pedro de Alcântara Veloso”, que consta da exposição de instrumentos antigos da Lira e alguns painéis históricos que contam um pouco de sua história, inaugurados solenemente em 8 de dezembro.

A maior conquista da Lira São José é proporcionar as crianças, jovens e adultos o conhecimento e o gosto pela música e quem sabe afastá-los dos maus caminhos. Que Deus abençoe essa instituição para que continue essa nobre e importante missão.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com

CÓDIGO DE TRÂNSITO Lei garante estacionamento gratuito para PCDs e autistas

As leis Federais 10.048 e 10.098, ambas do ano 2000, regulamentadas pelo Decreto Federal nº 05.296/2004, regulamentam sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência (PCDs). Portanto, o benefício é garantido por lei, não é favor e sim obrigação.

Têm direito a essas vagas para estacionamento qualquer pessoa com deficiência física, com mobilidade reduzida (temporária) e os autistas. O artigo 182, inciso XX, do Código de Trânsito Brasileiro (CTB) estabelece que estacionar o veículo nas vagas reservadas às pessoas com deficiência ou idosos, sem credencial que comprove tal condição é uma infração gravíssima, pode resultar em pena de multa, além de 7 pontos na CNH e remoção do veículo.

É muito importante que as pessoas PCDs, autistas e com mobilidade reduzida possuam a credencial para utilizarem estas vagas. Este documento deve ser solicitado através do DETRAN da sua cidade ou região.

Devemos respeitar as diferenças.

KARINA SALA, presidente dos Autistas cruzeirenses para os amigos do Reduto Azurra.

MEMÓRIA PIUMHIENSE

Inauguração do Memorial 'Padre José Vicente de Araújo' na Matriz de Nossa Senhora do Livramento

Missa marca a abertura do jubileu dos 270 anos de criação da Paróquia

ÁLBUM PARTICULAR



O padre José Vicente de Araújo morto em 2005; o bispo D. José Aristeu e o pároco padre Daniel Miranda

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Uma missa solene presidida por Dom José Aristeu Vieira, Bispo da Diocese de Luz, na Matriz de Nossa Senhora do Livramento no último domingo, 17 de dezembro, às 9h30 marcou oficialmente a abertura do "Ano do Jubileu dos 270 anos de criação da Paróquia Nossa Senhora do Livramento". Na sua reflexão o prelado de Luz falou da importância desse momento na história de Piumhi, da Paróquia e de nossa diocese. Estão previstas muitas ações culturais e religiosas para o ano de 2024. Padre Daniel Teixeira Miranda, atual Pároco da Paróquia Nossa Senhora do Livramento, destacou "*Nós queremos deixar o ano de 2024 marcado na história de nossa paróquia para que motive os piumhienses de daqui trinta anos a celebrar condignamente o tricentenário de criação da instituição*". O membro da comissão organizadora Igor Leandro Cândido apontou: "*será um momento de reflexão sobre o que foi feito nesses 270 anos e sobre o que ainda poderá ser feito. É uma paróquia antiga, mas que se renova a cada dia*".

A primeira ação do ano jubilar foi realizada dentro da missa de abertura: trata-se da reinauguração do "Memorial Padre José Vicente de Araújo". A ideia de construir um pequeno mu-

seu dedicado à religiosidade piumhiense nasceu de um projeto proposto pelo professor, historiador e advogado Luís Augusto Júnio Melo, em 2006, ao administrador paroquial Padre Jair Aurélio Borges. A proposta foi aceita pelo padre e o museu começou a ser montado em pequena sala no Escritório Paroquial. Inaugurado oficialmente em 6 de janeiro de 2007 com o nome de "Espaço Cultural Padre José Vicente de Araújo".

A escolha do patrono se deve ao desejo de homenagear o padre piumhiense José Vicente de Araújo. Nascido em Piumhi no dia 19 de junho de 1926. Filho de Joaquim Antônio de Araújo e Limíria Maria de Jesus. Iniciou seus estudos em Piumhi e depois se transferiu para Guapé, onde sua família foi residir. Naquela cidade tornou-se coroinha do padre catarinense descendente de alemão João Oenning, o qual encaminhou o menino José Vicente para o Seminário de Campanha. José Vicente fez seus estudos de filosofia e teologia e ordenou-se padre na Matriz de Guapé no dia 12 de dezembro de 1954 em celebração presidida por Dom Inocêncio Engelke, Bispo da Diocese de Campanha.

Trabalhou em diversas paróquias naquela Diocese, até que na década de 1960, Dom Belchior Joaquim da Silva Neto, segun-

do Bispo de Luz, o trouxe para a sua diocese natal. Trabalhou em diversas paróquias e auxiliou algumas vezes em Piumhi. Passou seus últimos anos de vida em Piumhi, onde faleceu no dia 6 de novembro de 2005, aos 78 anos. O sepultamento se deu no cemitério de Guapé, junto de seus pais como era desejo manifestado em vida. A família do padre José Vicente doou ao então espaço cultural em projeto e fase de organização inúmeros objetos, vestimentas e farto material religioso.

Por indicação do padre Daniel Teixeira Miranda, atual pároco da Paróquia Nossa Senhora do Livramento, o Espaço Cultural foi transferido para a Igreja Matriz, onde segundo ele: "*é mais espaço e possibilita maior e melhor visitação das pessoas do que no escritório*". As peças foram montadas com muito carinho por mim e por minha esposa Rafaela Oliveira, a quem muito agradeço pela ajuda.

Dom Aristeu e Padre Daniel fizeram o descerramento da placa e inauguraram o "Memorial Padre José Vicente de Araújo". O bispo também promoveu a bênção do espaço. Fica o convite para que toda comunidade piumhiense possa conhecer esse espaço dedicado à memória e a história da religiosidade piumhiense.

Fale com o autor:
professorluismelo@gmail.com